

# PRESENÇA DE OFICIAIS ESTRANGEIROS NA MARINHA BRASILEIRA\*

HÉLIO LEÔNCIO MARTINS  
Vice-Almirante (Ret<sup>o</sup>)

---

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

- A Marinha herdada*
- A falta de pessoal subalterno*
- A contratação na Europa*

### OFICIAIS QUE SE SALIENTARAM E PERMANECERAM NO BRASIL

#### ALEXANDER THOMAS COCHRANE

- Na libertação da Bahia*
- Na libertação do Maranhão*
- Na luta contra a Confederação do Equador*
- Na pacificação do Ceará e do Maranhão – Volta para a Europa*

#### DAVID JEWETT

- Na guerra de corso a mando das Províncias Unidas*
- Na Marinha do Brasil*
- Comissão em Montevideu e Transporte do Batalhão do Imperador para o Norte*
- Na luta contra a Confederação do Equador*
- Na pacificação do Ceará e do Maranhão*
- Na administração*

#### THEODORO ALEXANDRE DE BEAUREPAIRE

- Na libertação da Bahia*
- Na libertação da Cisplatina*
- Na luta contra a Confederação do Equador*
- Na Guerra Cisplatina*
- Na Sabinada*
- No transporte da futura imperatriz Tereza Cristina*
- Na despedida do mar*

(CONTINUA)

---

\*N.R.: Ver também "Marinheiros ingleses na Marinha do Brasil – 1822-1850", na RMB 2º trim./1999, págs. 101 a 118.

## JOHN TAYLOR

*Na Royal Navy*  
*Na libertação da Bahia*  
*Na perseguição do comboio português*  
*Na luta contra a Confederação do Equador*  
*Nas lutas da Regência no Rio de Janeiro*  
*Na Revolução dos Cabanos.*  
*Reforma e falecimento*

## JAMES NORTON

*Na luta contra a Confederação do Equador*  
*Na Guerra Cisplatina*  
 Os navios chilenos  
 Na Batalha de Monte Santiago  
*Novamente na Segunda Divisão*  
*No transporte da Imperatriz D. Amélia*  
*Na administração e falecimento*

## JOHN PASCOE GRENFELL

*Na libertação da Bahia e do Maranhão*  
*Na libertação do Pará*  
 A reação da Junta  
 Respondendo a Conselho de Guerra  
*Na Guerra Cisplatina*  
*Na Revolução dos Farrapos*  
*No Comando do Rio da Prata*  
*Na Guerra contra Rozas*  
*Cônsul em Liverpool*

## OUTROS OFICIAIS

ANEXO: Notas complementares

## INTRODUÇÃO

A historiografia brasileira, através de historiadores, intelectuais, mesmo militares, inclusive da Marinha, e naturalmente refletindo-se na opinião pública, é muito injusta com a nossa memória naval.

Pouco se conhece da **Guerra Cisplatina**, que pode ter sido impopular politicamente, mas na qual a recém-nascida Marinha recebeu, e cumpriu, a tríplice tarefa de difícil bloqueio do Rio da Prata, da caça aos corsários que infestavam a costa brasileira e do policiamento das tumultuadas províncias.

Na literatura cobrindo a agitada fase da **Regência**, com motins se transformando em longas e dolorosas revoltas em algumas províncias, raramente se encontra uma referência à ação da Marinha, a qual, entretanto, era a força que, com sua mobilidade,

relativa rapidez e isenção política, ia apagando os incêndios que as devoravam.

Sobre a **Guerra do Paraguai**, há duas obras que mais bem a tratam: a de Tasso Fragoso, tão detalhada em relação às atividades militares, mas que, quanto à Marinha, se limita a copiar um relatório do Ministro Ouro Preto; e a recentemente publicada *Maldita Guerra*, que tão bem descreve os aspectos políticos do conflito; porém o seu autor confessou-me, pessoalmente, que não sabia ter tido a Marinha presença preponderante nas operações.

A chamada **DNOG** (Divisão Naval em Operações de Guerra) participou da Primeira Guerra Mundial patrulhando as costas da África, de acordo com o planejamento dos aliados. Lá, entretanto, suas guarnições foram atacadas pela gripe espanhola de 1918, tendo 176 homens mortos, e todas

## CRONOLOGIA DOS EVENTOS CONSIDERADOS NO PRESENTE TRABALHO

**Observação:** Trabalho elaborado pela *RMB*, com o auxílio do autor do artigo, com o propósito de recordar para os nossos leitores um pouco da História do Brasil.

As datas de início e fim variam de autor para autor apesar de, em alguns casos, haver declarações e assinaturas de documentos oficiais.

### LUTAS PELA INDEPENDÊNCIA

- 2/7/1823 – Libertação da Bahia do jugo português (vitória militar)
- 28/7/1823 – Libertação do Maranhão do jugo português (São Luís)
- 12/8/1823 – Libertação do Pará do jugo português (Belém)
- 1823 – Libertação da Província Cisplatina.

\*

\* \*

### CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR

(protesto contra a dissolução da Assembléia Constituinte por D. Pedro I)

- 7 a 11/1823 – Pacificação de Pernambuco (Recife)  
Movimento de protesto, também, contra a nomeação de Francisco Paes Barreto para presidente da província. Manifesto divulgado em 2/7/1824  
Invasão de Recife: 12/9/1824  
Derrota final das tropas: 28/11/1824
- 5/11/1824 – Pacificação do Ceará
- 18/5/1825 – Pacificação do Maranhão

\*

\* \*

- 12/1825 a 8/1828 – GUERRA CISPLATINA (contra as Províncias Unidas do Rio da Prata – hoje Argentina – que não concordavam com a permanência da Província Cisplatina – hoje Uruguai – incorporada ao Império do Brasil).  
Declaração de guerra pelo Brasil: 11/12/1825  
Tratado reconhecendo a existência do Uruguai: 27/8/1828.  
A guerra naval resumiu-se no bloqueio do Rio da Prata e ações contra os piratas argentinos. (Ver artigos *O corso nas costas do Brasil (1826-28)*, do mesmo autor, na *RMB* 1ª trim./2000, pág. 54 a 78, e *Guerra Cisplatina*, do Almirante Lucas A. Boiteux, nas *RMB* de 4ª trim./1955 até 3ª trim./1959.

\*

\* \*

1835 a 1840 – REVOLTA DOS CABANOS (ou Cabanagem) (no Pará) (Ver artigo *A Marinha na Cabanagem*, do Almirante Eugênio M. R. Frazão, nas *RMB* do 3º e 1835) do 4º trim./1989, págs. 73 a 86 e 23 a 37 respectivamente)

20/5/1835 a 27/2/1845 – REVOLUÇÃO FARROUPILHA (ou, impropriamente, Guerra dos Farrapos) no Rio Grande do Sul.  
intermitente)

1837 a 15/3/1838 – REVOLTA DA SABINADA (Bahia)  
Batalhas finais: 13, 14 e 15/3/1838  
Anistia dada pelo Imperador: 1840

13/12/1838 a 19/1/1841 – REVOLTA DA BALAIADA (Maranhão)

7/11/1848 a 30/3/1849 – REVOLTA PRAIEIRA (Pernambuco)  
Um movimento mais socioeconômico que político.

\*

\* \*

9 a 10/1851 – GUERRA CONTRA ORIBE (Uruguai)  
Início da ação militar brasileira: 9/1851  
Convenção de paz assinada em 11/10/1851 (rendição dos uruguaios)

10/1851 a 2/1852 – GUERRA CONTRA ROZAS (Argentina)  
Batalha de Monte Caseros em 3/2/1852 – derrota de Rozas – Tomada de Buenos Aires.

\*

\* \*

28/10/1864 a 20/2/1865 – INTERVENÇÃO NO URUGUAI  
Convênio assinado em 20/2/1865

\*

\* \*

10/4/1865 a 1/3/1870 – GUERRA CONTRA SOLANO LOPEZ (Paraguai) ou GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA  
Declaração de guerra pelo Paraguai: 13/12/1864  
Morte de Solano Lopez: 1º/3/1870

as guarnições com um número muito grande de doentes, mas logo que convalesceram continuaram a operar, e nem por isso os jornais da época a ela se referiram com a extensão merecida.

Da **Segunda Guerra Mundial**, além de descrições devidas a maioria a oficiais da Marinha, não há referências ao fato de os nossos navios terem estado no mar desde antes do primeiro dia da guerra, e aí permanecido até após o dia do armistício na Europa. Na época, se não se mantivessem seguras as linhas de navegação nacionais e internacionais, o que se conseguiu comboiando alguns milhares de mercantes (inicialmente com o auxílio da Marinha norte-americana), o Brasil iria sentir pela primeira vez as agruras de uma guerra, com a falta de combustíveis, insumos de uso diário e até de alimentação.

Mas a própria Marinha é injusta com a memória dos oficiais estrangeiros – ingleses em quase sua totalidade – que emprestaram sua experiência à nascente Marinha brasileira, tornando-a operativa. Muitos deles fizeram do Brasil sua segunda pátria, aqui permanecendo por toda a vida, lutando na fase de nossa História na qual a Marinha teve a maior atividade (exceto na Guerra do Paraguai), fazendo brilhantes carreiras, sendo gravemente feridos – e morrendo alguns – por ação do inimigo e atingindo os mais altos postos.

E não há um navio, um estabelecimento, uma sala, ou mesmo retratos que os tragam à lembrança ou prestem as homenagens que merecem de quem lhes deve glórias passadas.

### *A Marinha herdada*

Ao se tornar independente, o Brasil recebeu como herança de Portugal, entre outras instituições, a organização da Marinha portuguesa e 15 navios de guerra. Não eram em absoluto uma estrutura falida e

navios em pedaços, como os descrevem alguns historiadores. Realmente tratava-se de uma Marinha em decadência, que ficara estagnada no Brasil, mas ainda guardando resquícios de sua antiga grandeza.

Era uma organização administrativa antiga e deficiente, os barcos exigiam reparos e equipamentos novos. Não seria coisa de grande monta, tanto assim que, três meses depois da independência, já uma pequena força naval seguia para Montevidéu e, em seguida, para Maceió.

Esta estrutura administrativa e de manutenção, logo entregue à energia de Luiz da Cunha Moreira, um dos poucos oficiais brasileiros, foi capaz de apoiar forças operando na Guerra da Independência, contra a Confederação do Equador, e, em 1825, já com 121 unidades, lutando no Rio da Prata e por toda a costa do Brasil!

### *A falta de pessoal subalterno*

Havia entretanto nela uma grande falha: as guarnições. Os marinheiros eram todos portugueses, já em número insuficiente para guarnecer os navios existentes, e também de pouca eficiência e pouco dignos de confiança, porque deveriam lutar contra outros portugueses, o que não lhes agradava, apesar de terem preferido permanecer no Brasil. Oficiais brasileiros, formados na Marinha portuguesa, eram poucos. Dos portugueses, quando perguntados se aderiam ao Império ou regressavam para Portugal, de uma maneira geral só responderam que ficavam os mais graduados, que ou eram idosos ou preferiam a calma tropical a enfrentar a confusão em que vivia sua pátria. Deste modo, tínhamos uma força naval sem oficiais subalternos (e os antigos de eficiência duvidosa).

### *A contratação na Europa*

A **José Bonifácio** (indiscutivelmente, dos homens de 1822, o de maior visão),

ocorreu desde logo que, para levar a independência para o Nordeste e para o Norte (onde ela não havia chegado, mantendo-se as Juntas de Governo ligadas a Portugal), só o conseguiríamos dispondo de uma Marinha efetiva e operosa. A solução seria contratar o pessoal que faltava no estrangeiro, como já faziam outras nações sul-americanas e mesmo o Exército.

Os historiadores decisivamente costumam chamá-los de "mercenários", o que eles não eram. Estes, no século XIX, já não existiam. Para serem mercenários deveriam estar em grupos, organizados e dirigidos por um *condottieri*, totalmente alugados para combater com a tropa de determinado país, sendo de antemão combinado o aluguel a ser pago pelo "alugador".

Os estrangeiros que vieram para o Brasil foram recrutados individualmente, integrando-se em nossas forças, com postos, promoções, soldo, e não eram como, errônea e injustamente são denominados, "mercenários".

O "mercado" disponível de desempregados era abundante, pois recentemente haviam terminado as guerras napoleônicas.

A Royal Navy, em 1813, tinha em seus quadros 6.000 oficiais e 140.000 marinheiros. Em 1820 estava reduzida a 600 oficiais e 7.000 marinheiros. Daí se vê como seriam

numerosos os "meio-soldo" (não embarcados) e mesmo os "nenhum-soldo".

**Caldeira Brant**, representante da Marinha brasileira na Europa, auxiliado pelo cônsul Meireles e por um oficial da East Indian Line (ex-da Royal Navy), **James Norton**, recrutou 600 homens entre oficiais

e marinheiros que viriam para o Brasil como agricultores, pois havia lei inglesa proibindo o alistamento no estrangeiro. Teriam um contrato de cinco anos, com soldos semelhantes aos da Marinha portuguesa. Se reengajassem, seriam aumentados em 50%; se regressassem para a Europa, receberiam meio-soldo pela vida.

Realmente, não foi o creme da Marinha inglesa que aceitou vir para o Brasil. A maioria era de oficiais modernos, mas estes mesmos teriam dez anos de experiência, pois haviam sido *midshipmen* com 15 anos, de forma que trouxeram consigo os hábitos disciplinares e os padrões operativos da Royal Navy ou da East Indian Line (praticamente iguais, pois os mercantes eram armados para enfrentar os piratas do Mar da China ou do Oceano Índico).

Com uma exceção, não havia oficiais que tivessem embarcado nas naus e travado combates de esquadras. É preciso lembrar que, das três batalhas de Nelson, Trafalgar foi a única travada entre esquadras em alto-



José Bonifácio, o moço (foto SDM)

mar, pois em Aboukir e Copenhagen os navios inimigos estavam fundeados e a audácia de Nelson consistiu em colocar-se entre os franceses e dinamarqueses e o continente e destruí-los.

O que mais se fazia na guerra naval contra Napoleão eram bloqueio, interceptação do tráfego comercial e pequenos desembarques, usando muito as fragatas, o que iria ser repetido em nossas campanhas.

Mais uma vez, José Bonifácio, com sua clarividência, sentiu que iria faltar um chefe à altura da Marinha que desejava organizar, pois não confiava nos oficiais-generais portugueses disponíveis para essa função.

Da Inglaterra, Caldeira Brant informou que havia no Chile, já terminando sua missão de expulsar os espanhóis do Pacífico, um almirante inglês de alto gabarito, mas que, por motivos internos, não poderia voltar para a Inglaterra, e propunha contratá-lo para comandar nossa esquadra – era o

Almirante **Alexander Thomas Cochrane**, que foi convidado e aceitou.

Ao nos tornarmos independentes, já havia em nossa Marinha quatro oficiais estrangeiros: um norte-americano, David Jewett; um francês, Theodoro Alexandre Beaurepaire e dois ingleses, William Eyre

e George Mason (estes dois últimos eram muito moços, com pouca experiência de mar). Na Marinha brasileira, foram classificados como guardas-marinha (mas já tinham aparecido com realce na Guerra Cisplatina). Os dois outros já haviam tido apreciável

carreira naval e foram aproveitados em postos superiores.

Vejamos como se desenvolveram suas atuações no Brasil e, a seguir, as de três outros que mais se distinguiram, James Norton, John Taylor e John Pascoe Grenfell, além de, naturalmente, Cochrane, o Almirante. Não há dúvida de que eles nos deixaram fortes tradições e ensinamentos.

## Para levar a independência para o Nordeste e para o Norte, só o conseguiríamos dispo de uma Marinha efetiva e operosa

*José Bonifácio*

### OFICIAIS QUE SE SALIENTARAM E PERMANECERAM NO BRASIL

#### ALEXANDER THOMAS COCHRANE\*

Indiscutivelmente, Lorde Alexander Thomas Cochrane foi um grande marinheiro, um formidável guerreiro no mar. Era bravo, audacioso, criativo. Mesmo em sua primeira passagem pela Royal Navy, teve me-

recido destaque pelas proezas que realizou. Um biógrafo o chama “Nelson das Fragatas”, o que seria exagerado, pois Nelson não só comandava esquadras de naus, como devia manter o conhecimento estra-

\* N.R.: Ver também *RMB* 2º trim./1997, págs. 259 a 261 (comentários sobre o lançamento do livro sobre o Almirante Cochrane, de autoria do Almirante Leônico).

tégico da área de sua responsabilidade – o Mediterrâneo, por exemplo. Cochrane sempre agiu embarcado em fragatas, atuando isoladamente, interceptando o tráfego inimigo, bloqueando portos ou efetuando pequenos desembarques.

O seu nome tornou-se conhecido quando, no comando de uma minúscula escuna, com 50 homens da guarnição, tomou por abordagem uma fragata espanhola com tripulação de 300 homens. Depois, nos comandos das Fragatas *Palas* e *Imperieuse*, criou um perfil quase lendário.

Todas essas qualidades demonstradas no mar eram substituídas por defeitos graves quando em terra. Agressivo, orgulhoso, indisciplinado, sempre desconfiado de seus superiores, contra os quais se opunha normalmente, ansioso por ganhos, criava, com suas reações, mal-estar por onde passava, mesmo quando defendia causas justas. Disso resultou, mesmo com a admiração existente por suas qualidades bélicas, a expulsão da Royal Navy e da Ordem do Banho, com a qual havia sido agraciado por seu valor. Os fatos que fizeram culminar a antipatia de seus superiores e causaram as medidas repressivas acima referidas foram os que serão narrados a seguir.

Uma esquadra francesa de 11 naus e quatro fragatas internara-se na Baía de Aix,

ligada por um rio com Rochefort. Era defendida por baterias, tendo sido construída forte paliçada de madeira rodeando os navios. Cochrane, com a *Imperieuse* e outra fragata, foi explorar o local. Decidiram utilizar três navios explosivos para destruir a paliçada, por onde penetrariam 20 brulotes (navios incendiários). Os explosivos funcionaram (de um deles, depois de aceso o

pavio, Cochrane se retirou com seis homens a remo), os brulotes não alcançaram os navios, mas, com o pânico, os franceses cortaram as amarras e encalharam. Dois foram destruídos por Cochrane, que, a fim de liquidar o resto, sinalizou para a capitânia da esquadra do Canal, ao Almirante Gambier, pedindo que mandasse suas naus. Este preferiu ficar fundeado a 8 milhas, apesar dos reiterados sinais. Com a subida da maré, os navios inimigos, livres, recolheram-se a Roche-



Almirante Cochrane (Foto SDM)

fort, ficando a salvo.

Como havia muito a Royal Navy não se tinha envolvido em uma operação maior, o Parlamento resolveu considerar aquela como tal e deu unanimemente um voto de louvor a Gambier. Isto é, unanimemente não, pois o deputado Cochrane (uma singularidade inglesa: Cochrane comandante de um navio em operações também havia sido eleito deputado) votou contra. Gambier pediu um

Conselho de Investigação. Segundo os biógrafos (e o próprio Cochrane afirma em suas memórias), falsearam-se cartas, houve depoimentos arranjados. Cochrane perdeu e, com a derrota, foi afastado do comando da *Imperieuse*. E ganhou a má vontade de todo o almirantado.

Um ano depois, foi Cochrane convidado por um tio almirante para ser seu capitão-de-bandeira em uma esquadra que ia para a América do Norte. E, simultaneamente, apresentado por um parente, recebeu o pedido de certo tenente do Exército, artillheiro, para embarcar como instrutor a bordo. Ficou de ver as possibilidades de atendê-lo, mas passou a relacionar-se com ele.

Este, assim como um parente de Cochrane – Cochrane Johnson –, era um patife. Os dois deram um golpe magistral.

O tenente, substituindo seu uniforme verde pela túnica vermelha de um coronel, espalhou em Dover (e seu companheiro levou a notícia para Londres) que Napoleão havia sido assassinado. Imediatamente as ações na bolsa tiveram enorme subida, aproveitada pelos dois aventureiros. Uma série de coincidências, se foram coincidências, envolveram Cochrane. Neste dia ele também vendeu ações. E o tenente passou em sua casa (onde ele não estava) e trocou o uniforme por um traje civil. Com a má vontade existente, foi Cochrane logo acusado, julgado, condenado a dois anos de prisão, penalidade que cumpriu, além de ser afastado do Parlamento.

Nesse julgamento há algo de estranho, pois anos mais tarde, com a mudança do

governo, reinando a Rainha Vitória, foi ele reconduzido à Marinha como almirante, recebeu a Ordem do Banho, foi-lhe dado o comando de uma esquadra e, falecido, sepultado em Westminster, tendo em seu jazigo os escudos da Inglaterra, do Chile, do Brasil e da Grécia.

Depois de afrontado este temporal, a bonança seguiu-se com o convite do Chile para chefiar sua nova esquadra, a fim de livrar o Pacífico dos espanhóis, o que ele fez. Terminada esta tarefa, recebeu o chamado do Brasil, feito em termos entusiásticos e prometedores:

“Venha milorde, a honra vos convida, a glória vos chama, confie no reconhecimento brasileiro, na munificência do Príncipe, na probidade sem mancha do atual Governo”.

A primeira dificuldade aparecida com as autoridades brasileiras foi a fixação de seu salário. Depois de longas discussões com o ministro da Marinha, chegaram a um acordo: seria igual ao de um almi-

rante inglês, mas, com as gratificações para “comedorias”, aumentou bastante. Em seguida, não queria Cochrane ser subordinado a nenhum almirante português, pelo que se inventou um título inexistente – o de Primeiro Almirante.

Mas o problema que iria ser o pomo da discórdia referia-se ao pagamento dos butins apesados. Na Europa isso era perfeitamente regulamentado. Um Tribunal de Presas diria ser a presa boa ou má, conforme regras existentes. Se boa, seu valor seria distribuído por todos os que tivessem tido parte em sua captura, inclusive o

---

**Para a Divisão de  
Cochrane largar a fim de  
combater a Confederação  
do Equador, ele teve que ir  
acordar D. Pedro I,  
pedindo-lhe que este  
autorizasse a entrega de  
200 contos para pagar às  
guarnições, sem o que elas  
não sairiam**

---

almirante comandante da força. No Brasil o assunto ainda era regulado por alvarás portugueses de 1796 e 1797, a rigor semelhantes aos ingleses. A 11 de dezembro de 1822, D. Pedro I referendou-os.

O número de presas feitas por Cochrane e seus oficiais na Guerra da Independência foi avultado, e todas pertencentes a portugueses. E portugueses eram a maioria dos que iriam julgá-las, pois o Tribunal de Presas compunha-se de nove portugueses e três brasileiros. Claro está que todas as dificuldades eram levantadas para não serem prejudicados os patrícios. As decisões alongavam-se indefinidamente, quando tomadas. Também se discutia se aquela era uma guerra internacional ou uma guerra civil, na qual não haveria butins.

Além do mais, o Tesouro Imperial estava quase sempre vazio, com o que mesmo os soldados atrasavam. Para a Divisão de Cochrane largar a fim de combater a Confederação do Equador, ele teve que ir acordar D. Pedro I, pedindo-lhe que este autorizasse a entrega de 200 contos a fim de pagar às guarnições, sem o que elas não sairiam. Isso explica até certo ponto por que os historiadores (quase todos) condenam Cochrane por sua ânsia por dinheiro. Pedia-o sem cessar, pois nunca lhe davam, mesmo tendo direito a recebê-lo.

Cochrane chegou ao Rio de Janeiro a 23 de março de 1823 a bordo do Brigue *Coronel Allen*, propriedade de um de seus oficiais, Bartholomeu Hayden, com outros companheiros que o haviam ajudado no Chile.

O brigue foi vendido ao Brasil, recebendo o nome de *Bahia*; e Hayden, admitido na Marinha como capitão-tenente.

### *Na libertação da Bahia*

Depois de inspecionar os navios disponíveis, apesar de achá-los mal equipados largou com a esquadra para enfrentar os portugueses em Salvador a **3 de abril de 1823**. Tendo a Nau *Pedro I* como capitânia, acompanhavam-na as Fragatas *Piranga*,

*Paraguassu e Niterói* (comandada por Taylor), as Corvetas *Maria da Glória* (comandada por Beaurepaire) e *Liberal*, os Brigues *Cacique*, *Real Pedro*, *Caboclo e Guarani* e as Escunas *Atalante e Rio de la Plata*.\*

Durante o cruzeiro, foi adestrando as guarnições, que ainda inclu-

fam poucos ingleses. A **4 de maio** avistou a frota portuguesa de José Félix Pereira dos Campos, que bordejava ao largo da Bahia. Apesar de sua inferioridade, Cochrane investiu, procurando cortar a formatura do adversário, como Nelson fizera em Trafalgar. Já um brigue português estava sendo destruído por sua artilharia quando os marinheiros da *Pedro I* e, a seguir, dos outros navios amotinaram-se e fecharam os paíóis de pólvora.

Cochrane conseguiu contornar a formatura inimiga e retirar-se para Morro de São Paulo, não sendo perseguido por Félix dos Campos. Mudou os canhões mais potentes das fragatas para a nau, livrou as guarnições dos piores elementos e decidiu man-

---

## **Já um brigue português estava sendo destruído pela artilharia de Cochrane quando os marinheiros da *Pedro I* e, a seguir, dos outros navios amotinaram-se e fecharam os paíóis de pólvora**

---

\*N.R.: Ver notas complementares no final do artigo.

ter o bloqueio da Bahia com a *Pedro I* e a *Maria da Glória*, os melhores navios.\*

Em uma noite, com dois navios, a *Maria da Glória* e a *Paraguassu*, tentou penetrar na baía conduzindo brulotes para queimar a frota de Félix dos Campos. Chegaram perto do inimigo, mas vento e maré inesperados trouxeram de volta atacantes para o mar.

O bloqueio, apresando todos os navios que abasteciam a cidade, que era cercada por terra pelo Exército, primeiro do general francês Pierre Labatut, depois de Joaquim José Lima e Silva, forçou a retirada portuguesa com 80 transportes escoltados por 13 navios de guerra. Com todos os seus navios, Cochrane os perseguiu até o paralelo de 5 graus norte, apreendendo alguns transportes, deixando a seguir a tarefa para uma de suas fragatas, esta comandada por John Taylor.

### *Na libertação do Maranhão*

Cochrane mandou os demais barcos para o Rio de Janeiro com as presas e seguiu somente com a *Pedro I* para o Maranhão, ainda em mãos portuguesas. Ao se aproximar de São Luís, foi recebido pelo Brigue *D. Miguel*, que julgou ser a nau um navio que ia socorrê-los. Prendeu o comandante português e mandou-o para a cidade dizer que estava com toda a esquadra consigo, e que ou a Província se entregava ou efetuará um desembarque em força.

A junta portuguesa rendeu-se, e a bandeira imperial foi içada. O Brigue *São Miguel*, que passou a se chamar *Maranhão*, foi enviado para Belém com um de seus oficiais (John Pascoe Grenfell), para repetir o que haviam feito no Maranhão. E Cochrane regressou ao Rio de Janeiro, sendo recebido com todas as honras e agraciado com o título de Marquês do Maranhão.

### *Na luta contra a Confederação do Equador*

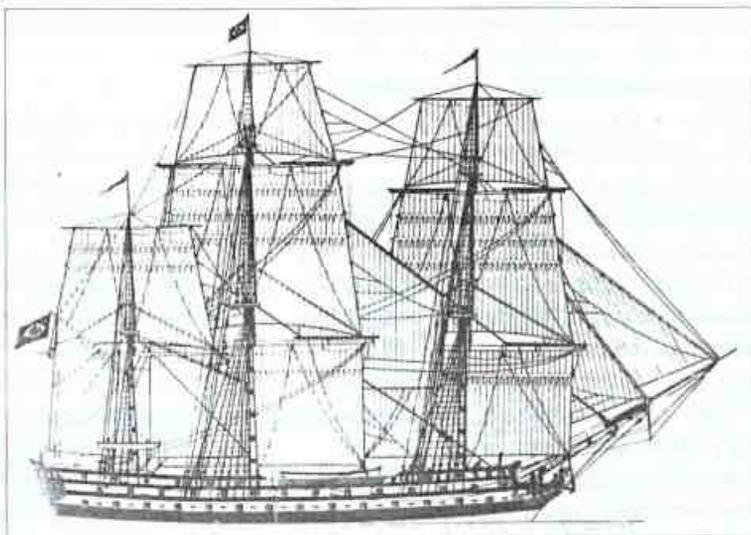
A próxima missão seria comandar a Divisão principal enviada para Recife para combater a Confederação do Equador. Largou com a Nau *Pedro I*, a Fragata *Paraguassu*, as Corvetas *Carioca* e *Maceió*, o Brigue *Maranhão* e as Escunas *Leopoldina* e *Pará*, escoltando os transportes que levavam as tropas comandadas pelo Brigadeiro Francisco de Lima e Silva, que também seria o Comandante das Armas e o presidente da Província depois da vitória.

Deixou-as em Jaraguá (Alagoas) e continuou para Recife. Tentou conseguir uma conciliação com o chefe dos revoltosos, Manoel de Carvalho Paes de Andrade (que depôs o presidente da Província, Francisco Paes Barreto), sem êxito, determinando então dois bombardeios nos fortes da cidade, que, executados por escunas, os únicos navios que puderam aproximar-se, foram inócuos devido à pouca potência dos canhões. Alegando dificuldades de manter a *Pedro I* fundeada por fora dos recifes, já tendo perdido dois ferros, suspendeu e rumou para o Sul, passando a chefia do bloqueio ao Comandante Francisco Antônio de Carvalho com três navios. Colocou dois brigues à disposição do Brigadeiro, que avançava por terra, e desapareceu.

O bloqueio e a ajuda ao Brigadeiro Francisco Lima e Silva para tomar Recife ficaram sob a responsabilidade de Jewett, que velejara do Rio com uma outra Divisão. Vencida a revolta, a **3 de outubro de 1823**, Cochrane apareceu, assistiu ao *Te Deum* rezado por terem sido vencidos os revolucionários e recebeu os agradecimentos do Brigadeiro, mas os calorosos elogios foram para Jewett, com críticas à ação de Cochrane.

\*N.R.: Ver notas complementares no fim do artigo.

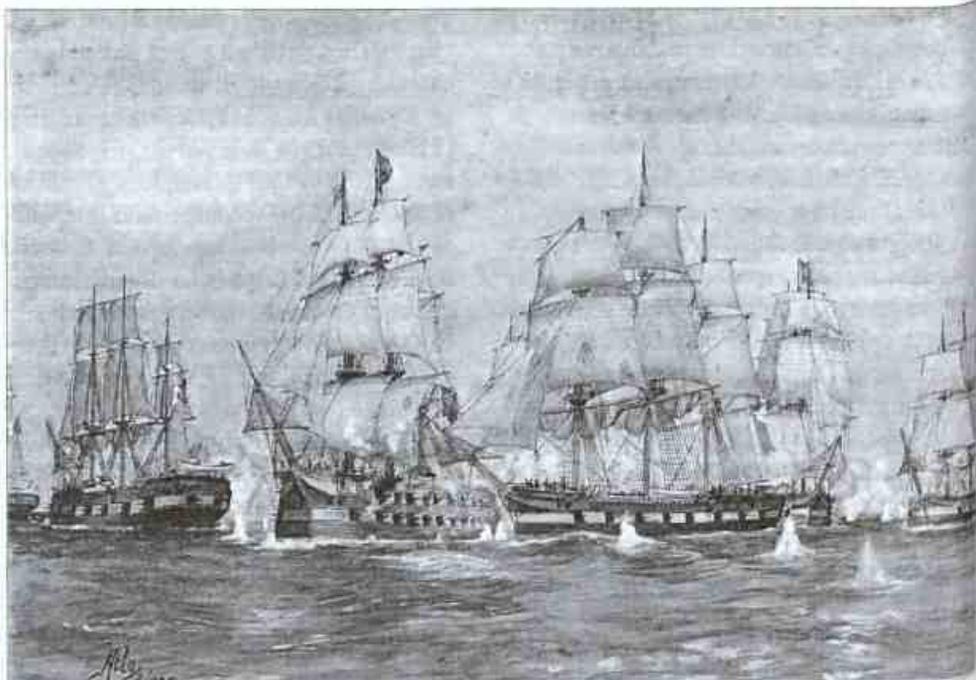
Nau  
*D. Pedro I*,  
a nau  
capitânia  
(Foto: SDM)



## LIBERTAÇÃO DO NORDESTE POR COCHRANE

Batalha Naval da Ponta de Santo Antônio, na Bahia,  
em 4 de maio de 1823

Batismo de fogo da Armada Imperial e a primeira vitória.



Na gravura, a *Pedro I* corta a linha portuguesa. (Álbum de aquarelas, *Nossa Marinha 1822-1944* Seus Feitos e Glórias, do Almirante Trajano Augusto de Carvalho)

A falta de interesse de Cochrane em relação à luta contra a Confederação do Equador deve-se possivelmente ao fato de ter sido ferido seu orgulho com a posição auferida ao Brigadeiro Francisco Lima e Silva de comandante de Armas e presidente, sendo hierarquicamente inferior a ele, embora não houvesse subordinação.

### *Na pacificação do Ceará e do Maranhão – Volta para a Europa*

Houve ordem do Imperador para que permanecessem no Norte as Fragatas *Piranga* e *Niterói*, a Corveta *Carioca* e os Brigues *Cacique*, *Pará* e *Independência ou Morte*, regressando o Almirante para o Rio de Janeiro. Cochrane desobedeceu a tais ordens, dizendo haver ainda resquícios de insubordinação no Rio Grande do Norte, no Ceará e no Maranhão, e para essas províncias velejou com a

*Pedro I*, levando consigo a Fragata *Piranga* e os Brigues *Cacique* e *Atalanta* (há quem desconfie que já tivesse o intuito de realizar o que fez posteriormente).

No Ceará houve necessidade de um desembarque em força para acalmar os ânimos (com Jewett). No Maranhão, onde de fato a anarquia imperava, com assassinatos, insegurança nas próprias residências, perseguições, a chegada de Cochrane foi recebida com alívio. Um memorial de agradecimento assinado por 78 senhoras lhe foi entregue.

Com medidas enérgicas, recolhendo as armas, opondo-se a exaltações políticas exageradas, levou calma para o

Maranhão. Mas como passou ali muito tempo, acabou até certo ponto se imiscuindo nas intrigas locais, ficando sua situação bastante incômoda.

Substituiu o presidente Bruce pelo secretário do governo Tenente-Coronel Antônio Telles da Silva Lobo, com quem tinha melhor entendimento. Então apresentou ao governo da província "Exposição" reclamando o pagamento do quinhão que lhe cabia devido à captura de navios e propriedades portuguesas feita em 1823, de acordo com o Decreto Imperial de 11 de janeiro de 1823.

Em relação anexa, mostrava que o valor a ser pago atingia 424:196\$461, mas que ele e suas guarnições se contentariam com 106:000\$000. (Eram 424 x 106 contos de réis) A Junta de Fazenda da Província reuniu-se e, depois de muita discussão, chegou à conclusão que não poderia negar o pedido. De posse do dinheiro,

Cochrane passou o comando da *Pedro I* a Jewett, embarcou na *Piranga* e velejou para a Europa, não mais voltando ao Brasil.

Talvez até o dinheiro lhe fosse devido, mas a maneira de recebê-lo e o que pode se chamar de fuga deixaram uma nódoa na memória de quem, indiscutivelmente, teve muita importância na libertação das províncias do Norte e no preparo da Marinha brasileira. Alguns de seus defensores dizem que chegara notícia de que se ele regressasse ao Rio de Janeiro seria multado em 70.000 libras ou, no caso de não pagar, preso. Mas isso sem confirmação.

---

## De posse do dinheiro, Cochrane passou o comando da *D. Pedro I* a Jewett, embarcou na *Piranga* e velejou para a Europa, não mais voltando ao Brasil

---

## DAVID JEWETT

Sobre sua vida pregressa só há informação de ter sido "comandante nos Estados Unidos", não se sabendo se mercante ou da Marinha de Guerra.

### *Na guerra de corso a mando das Províncias Unidas*

Em 1815 ofereceu-se às Províncias Unidas do Prata (atual Argentina) para fazer o corso contra os espanhóis com navio de sua propriedade, o Brigue *Invencible* (ex-norte-americano *True Booded Yankee*), de 480 toneladas de deslocamento, tendo como armador D. Patrício Lynch e artilhado com 14 caronadas de 24 e seis canhões de 12.

**Saiu a 30 de junho de 1815 de Buenos Aires rumo à Bahia.** Ali chegando, com matrícula de Charleston e bandeira norte-americana, sua falsidade foi descoberta e Jewett preso, sendo o navio arrestado. Com intervenção do cônsul dos Estados Unidos, conseguiu serem libertados, ele e o navio. A campanha que a seguir fez no Atlântico Norte e no Caribe teve êxito, e, em **setembro de 1817**, fundeu em Buenos Aires com várias presas carregadas, o que lhe deve ter rendido boa maquia.

**Em 1818** chegou a Buenos Aires a fragata comercial francesa *Brac*, de 511 tone-

ladas de deslocamento, adquirida por D. Patrício Lynch para fazer o corso, sob o comando de David Jewett. Foi armada com 34 canhões, o que a transformou em um navio de guerra reconhecido pelas autoridades navais, sendo dado a Jewett o posto de *coronel de la Marina*.



David Jewett (Foto SDM)

Neste posto chefiou uma Força Naval constituída pela *Sumaca Galvez*, pelos Brigues *25 de Mayo* e *Invencible* e por algumas canhoneiras. Pós-se ao mar a fim de tomar posse das Malvinas em nome das Províncias Unidas, o que fez depois de ter apresado uma corveta portuguesa e dominado um motim. Continuando a campanha, os motins e o escorbuto multiplicaram-se nos navios, pelo que Jewett acabou pedindo

para ser substituído, no que foi atendido.

Possivelmente devido a essa desistência, abandonou as Províncias Unidas e, com o Brigue *Maypu*, uma das presas que havia adquirido, veio para o Brasil, onde ofereceu seu navio à venda, sendo este comprado por D. Pedro I por 20:000\$000. (Vinte contos de réis).

### *Na Marinha do Brasil*

Alistou-se na Marinha no posto da capitão-de-mar-e-guerra, à vista de sua experiência anterior, sendo-lhe dado o comando da Fragata *Piranga*.

### *Comissão a Montevidéu e transporte do Batalhão do Imperador para o Norte*

Com a notícia de que Álvaro Macedo decidira retirar-se para Portugal com os portugueses que não haviam aderido ao Império na Cisplatina, uma Força Naval sob o comando de Jewett, composta pelas Fragatas *Piranga e Paraguassu*, pela Corveta *Liberal* e por alguns transportes, seguiu para buscá-los, sendo assim a primeira vez que o pavilhão imperial foi içado em um navio no mar. Zarparam em novembro de 1822 para o Rio da Prata (dois meses depois da independência, o que mostra não estarem os navios em tão mau estado).

No caminho houve um motim de portugueses no Transporte *Maria Thereza*, que foi se entregar a Álvaro Macedo. A situação em Montevidéu não parecia, entretanto, como a que haviam noticiado. As tropas reinóis estavam longe de querer se retirar. E o Almirante Rodrigo Lobo, que comandava as forças navais no Rio de Prata, hesitava quanto ao lado no qual queria se colocar. Uma fragata — *Thetis* — que Jewett pretendia trazer para o Rio de Janeiro achava-se encalhada.

Com a sua missão prejudicada, só restava a Jewett regressar, o que ele fez, mesmo porque outra tarefa o esperava. Reforçada a Divisão pela Corveta *Maria da Glória*, pelo Brigue *Real* e pelas Escunas *Leopoldina* e *Ânimo Grande*, recebeu ime-

diata ordem de rumar para o Norte transportando o Batalhão do Imperador, sob o comando do Brigadeiro José Joaquim de Lima e Silva, que foi deixado em Macció, a fim de ir juntar-se às tropas de Labatut em luta com o General Madeira de Mello que ocupava Salvador.

Jewett foi promovido a chefe-de-divisão, sendo, entretanto, por ter tido uma questão com um guardião (sargento), cujos

detalhes não se conhece, submetido a Conselho de Guerra e absolvido.

### *Na luta contra a Confederação do Equador*

Tendo D. Pedro I dissolvido a Assembléia Constituinte, Pernambuco, não concordando com a medida, revoltou-se em 1824. A primeira reação imperial foi determinar o bloqueio de Recife por uma pequena força naval comandada por outro oficial estrangeiro, John Taylor, o qual, entretanto, foi chamado para o Rio de Janeiro, pois haviam chegado

boatos da vinda de uma esquadra portuguesa e D. Pedro decidira concentrar todos os navios disponíveis para uma possível defesa.

Com o abandono do bloqueio, a revolta pernambucana expandiu-se e formou-se a Confederação do Equador, pronta a se desligar do Império. Cochrane, com alguns navios, foi então enviado para o Norte, transportando tropas terrestres comandadas por

---

**Uma Força Naval sob o comando de Jewett, composta pelas Fragatas *Piranga e Paraguassu*, pela Corveta *Liberal* e por alguns transportes, foi enviada, em novembro de 1822, para buscar em Montevidéu Álvaro Macedo e os portugueses que não haviam aderido ao Império, sendo esta a primeira vez que o pavilhão imperial foi içado em um navio no mar**

---

Francisco de Lima e Silva, nomeado simultaneamente comandante das armas e presidente da província. Desembarcado em Alagoas, continuou a progredir por terra.

Cochrane, como vimos, fez algumas propostas de conciliação a Paes Barreto, chefe da Confederação do Equador, às quais, não aceitas, seguiu-se um bombardeio inócuo, tendo o Almirante se retirado para a Bahia, deixando três navios no bloqueio com o Comandante Francisco Antônio de Carvalho e dois brigues à disposição de Lima e Silva.

Um terceiro destacamento naval largou para o Norte chefiado por Jewett. Não encontrando o Almirante, assumiu ele o comando do bloqueio, mantendo os fortes da cidade sob bombardeio, enfraquecendo suas defesas, até Francisco de Lima e Silva chegar por terra. Desembarcou então marinheiros que atacaram pelo lado do mar. Cercado, Paes de Andrade ainda tentou negociações, mas as ordens eram para rendição incondicional. Refugiou-se em uma fragata inglesa, seguindo para os Estados Unidos, terminando assim a Confederação do Equador.

Depois da vitória, os elogios de Lima e Silva a Jewett foram calorosos.

### *Na pacificação do Ceará e do Maranhão*

Terminada a luta, Cochrane foi a Recife para os festejos pela vitória e, incorporando Jewett à sua Força (Nau *Pedro I*, Fragua *Piranga* e Brigues *Cacique* e *Atalanta*), seguiu para o Norte. No Ceará, Jewett desembarcou com um destacamento de mari-

nheiros, reuniu todas as forças legais e venceu os opositores, deixando a província em perfeita ordem. A pedido do presidente, ali permaneceu até a paz estar consolidada e, em seguida, rumou para o Maranhão a fim de juntar-se a Cochrane. Como vimos, este passou o comando da *Pedro I* a Jewett e, na *Piranga*, rumou para a Europa, não mais voltando ao Brasil.

No regresso de Jewett, ao passar pela Bahia, onde aportou para fazer alguns reparos em seu navio, por uma troca de cartas nasceu uma intriga feita pelo Presidente da Província, Francisco Vicente Vianna, que o implicava em acusações sérias. Quando o presidente foi substituído por Severiano Maciel da Costa, e com a ida de Jewett ao Rio, tudo foi clareado.

Neste meio tempo, havia eclodido a Guerra Cisplatina. Quiseram enviar Jewett como segundo de Rodrigo Lobo, mas solicitou ele que o escusassem, pois ficaria em situação dúbia, tendo servido na Marinha das Províncias Unidas. Outra versão de sua negativa é que não desejava servir com Rodrigo Lobo, devido às lembranças que guardava de seus contatos quando, em sua primeira comissão, estivera com ele em Montevidéu.

### *Na administração*

Daf em diante suas comissões foram administrativas, tendo ido diversas vezes aos Estados Unidos para tratar da construção de navios encomendados pelo Império, sendo que nenhuma chegou a termo. Uma licença de dois anos para tratamento da saúde encerrou sua carreira.

## THEODORO ALEXANDRE BEAUREPAIRE

Fugindo da Revolução Francesa, a família do Capitão-de-Mar-e-Guerra Amedée

Bernard Aimable Mac Antoine de Beaurepaire, que combatera pela Revolu-

ção Americana, mudou-se para Portugal. Alguns membros da estirpe Amedée Beaufrepaire já haviam ingressado na Marinha e no Exército portugueses. Seguindo o mesmo exemplo, o jovem Theodoro Alexandre, em 1801, foi matriculado na Academia de Guardas-Marinha, tendo terminado o curso em 1805 e sendo promovido a segundo-tenente em 1807.

A família Beaufrepaire veio em 1808 com D. João para o Brasil, com o já Primeiro-Tenente Theodoro embarcado na Nau *D. João de Castro*. Em 1814 tentou voltar para o seu país de origem, mas não se adaptou ao regime dos Bourbons. Veio novamente para o Brasil, em 1821, acompanhou D. João VI em seu regresso para Portugal.

Na tentativa de reduzir o Brasil à sua primitiva posição de colônia, largou do Tejo, em **princípios de 1822**, uma grande esquadra transportando 1.700 homens na expectativa de forçar a ida de D. Pedro para Portugal. Quando chegou ao Brasil, já D. Pedro havia assumido por conta própria a regência e ficado livre das tropas portuguesas no Rio de Janeiro. Assim, a esquadra teve que fundear debaixo das baterias da cidade e foi obrigada a regressar sem D. Pedro.

Alguns oficiais que nela vieram preferiram permanecer no Brasil, entre eles o Capitão-Tenente Theodoro Beaufrepaire, que

imediatamente embarcou em navio partidário do Príncipe Regente – o Brigue *Príncipezinho*. Ainda antes da independência, passou a comandar a Corveta *Maria de Glória*, na qual iria fazer história, pois ela o ajudaria muito em suas proezas.

Por encomenda do Chile, duas corvetas haviam sido construídas nos Estados Unidos, recebendo os nomes gregos de *Horatio* e *Curiacio*. Eram navios com excelentes linhas e armação de velas, que lhes

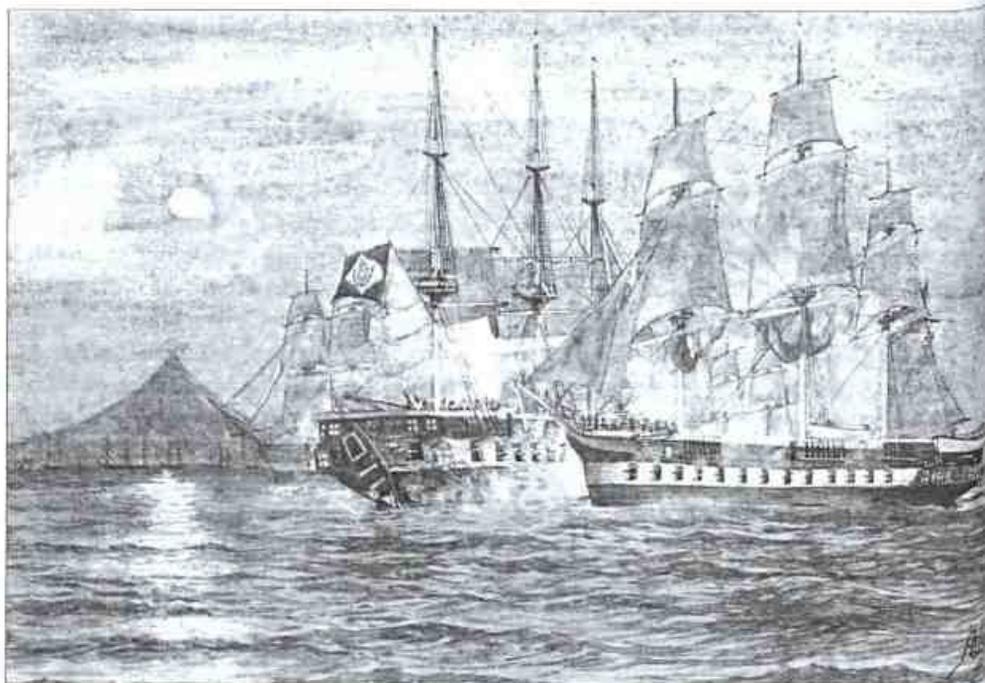
davam rapidez e mobilidade. Muito bem armadas, tinham 32 canhões e caronadas. O Chile só pôde ficar com uma por interferência espanhola, e o governo português adquiriu a *Horatio* para combater os insurretos pernambucanos em 1817, chamando-a *Maria da Glória*. A primeira comissão da *Maria da Glória* comandada por Beaufrepaire foi acompanhar Jewett quando levava para Maceió as tropas



Theodoro Alexandre Beaufrepaire (Foto SDM)

de José Joaquim Lima e Silva, para reforçar Labatut na Bahia.

Com a independência, ao ser perguntado, como aos outros oficiais portugueses, se queria voltar para a Europa ou incorporar-se à novel Marinha brasileira, respondeu: "...tenho a honra de responder a V. Excia. que persisto nos mesmos sentimentos que até agora tenho demonstrado à causa do Brasil...".



A tentativa de abordagem da Fragata *Imperatriz* (Trajano, pág. 27)

### *Na libertação da Bahia*

Em abril de 1823 largou a esquadra de Cochrane para expulsar os portugueses do Nordeste e do Norte, a começar pela Bahia, e com ela a *Maria da Glória*. Depois do fracasso de 4 de maio, tendo decidido Cochrane manter o bloqueio do Recôncavo com os dois melhores navios, selecionou a *Maria da Glória* para operar com a Nau *Pedro I*. O bloqueio foi tão cerrado que, com as tropas atacando pelo lado de terra, obrigou a retirada portuguesa.

Antes, porém, em um gesto de audácia, Cochrane decidiu penetrar no Recôncavo e incendiar a frota portuguesa com brulotes. Levou consigo a *Maria da Glória* e a Fragata *Paraguassu*. Chegou bem perto do inimigo, mas vento e maré inesperados empurraram os atacantes para fora da barra.

Com a retirada da frota portuguesa, Cochrane continuou a persegui-la com to-

dos os navios, mas a *Maria da Glória*, perdendo de vista a capitânia, ficou sozinha, fazendo muitas presas.

### *Na libertação da Cisplatina*

A 24 de outubro de 1823 estava no Rio de Janeiro, mas, imediatamente, outra comissão o esperava. Antes foi promovido a capitão-de-fragata. Mas em Montevidéu, Álvaro de Macedo, apesar de vencido no mar, protelava seu embarque. A *Maria da Glória* rumou para o Sul, vencendo as últimas resistências.

### *Na luta contra a Confederação do Equador*

Voltando do Sul seguiu imediatamente para juntar-se à Força de Taylor que bloqueava Recife, onde lavrava a revolta que iria criar a Confederação do Equador. Atra-

vessando o bloqueio, dois navios que os rebeldes conseguiram armar distribuíam panfletos pelas comunidades ribeirinhas, incentivando-as a aderir à revolta. Eram o brigue que denominaram *Constituição* ou *Morte* e a escuna homônima do navio legalista *Maria da Glória*. Houve informação que estavam em Porto de Pedras. Para lá rumou Beaurepaire. Ao chegar, a escuna ia saindo. Um tiro obrigou-a a fundear. Um oficial revoltoso foi à corveta e disse que estavam ali por terem recebido ordem do presidente da Província, Paes de Andrade. Beaurepaire respondeu que não reconhecia o presidente ao qual ele se referia e prendeu os comandantes e imediatos. O brigue passou a se chamar *Beaurepaire*.

### Na Guerra Cisplatina

A situação no Rio da Prata deteriorava-se em torno da posse da Província Cisplatina. A *Maria da Glória* foi mandada para verificar o que realmente havia. Entrou em Buenos Aires, e Beaurepaire comunicou que realmente as províncias não aceitavam a Cisplatina como parte do Império; a opinião pública estava envenenada a este respeito, sendo bem claros os preparativos bélicos.

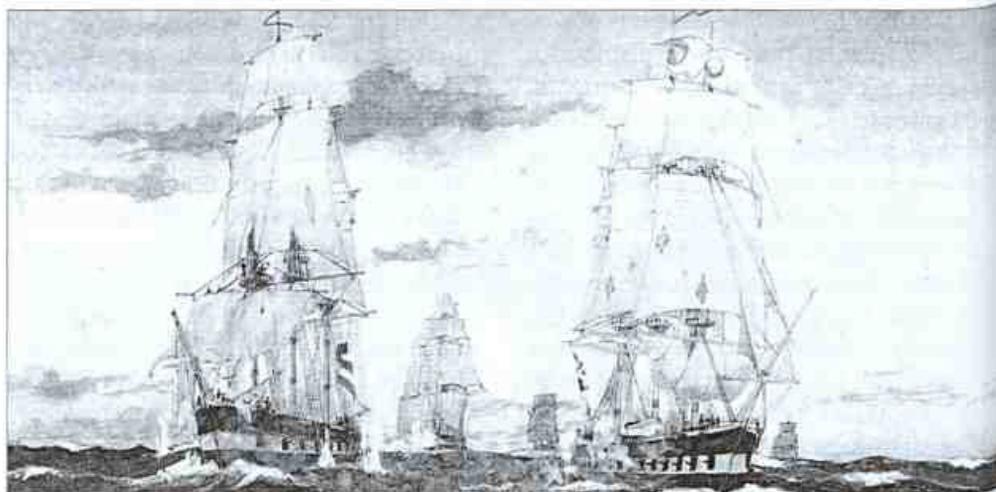
Eclodida a guerra, a *Maria da Glória* já tomou parte na **Batalha de Corales, em 9 de fevereiro de 1826**, resistindo à primeira tentativa da pequena esquadra de Brown de sair de Buenos Aires para desenvolver um tipo de guerra de guerrilha contra as forças bloqueadoras. A Força brasileira teve êxito, pois a frota platina regressou para o Pozo (fundeadouro de Buenos Aires), mas a falta de conhecimentos e de criatividade do Almirante Rodrigo Lobo fez com que não se aproveitasse da desordem da formação inimiga para sua destruição, mantendo ele durante toda batalha seus navios em linha.

Em seguida, ao invés de manter cerrado o bloqueio militar de Buenos Aires, Rodrigo Lobo recuou com seus navios para defender as diversas comunidades ribeirinhas do litoral cisplatino. Com isso deu liberdade a Brown para aplicar sua tática, saindo à vontade e atacando a Colônia de Sacramento, Montevidéu e a Fragata *Imperatriz*, sendo repellido, mas retirando-se incólume por entre os bancos com seus navios de pequeno calado. A *Maria da Glória* opunha-se a tais saídas e começou a caça aos corsários, que já talavam nossas costas.

Substituído Rodrigo Lobo, devido à sua ineficiência, pelo Almirante Pinto Guedes, este organizou o bloqueio com três divisões: os navios maiores, a primeira divisão, mantinham-se na boca do Rio da Prata, interferindo com o tráfego comercial e com os corsários e suas presas; a segunda divisão, comandada por Norton, com corvetas e brigues, encarregava-se de não deixar a esquadra das Províncias Unidas sair de Buenos Aires; e a terceira, com escunas e canhoneiras, era responsável pelo domínio do Rio Uruguai.

A *Maria da Glória* pertencia à Segunda Divisão, que foi entregue ao comando de Norton. Depois desta organização do bloqueio, na primeira vez que Brown tentou sair, interceptado, engajou-se no **Combate de Lara Quilmes** (ver no parágrafo James Norton, pág. 67), sendo destruído seu melhor navio, a Fragata *Veinte Cinco de Mayo*; na segunda vez, quando toda a esquadra pretendia se dedicar ao corso, foi liquidada em **Monte Santiago**.

A atividade da *Maria da Glória* era incessante. Quando não estava no bloqueio, ia para o Atlântico combater o corso. Com sua velocidade tinha êxito. Tendo sido decidido bombardear a esquadra inimiga quando fundeada em Los Pozos, a *Maria da Glória* tomou parte na operação. Apesar de terem sido reunidos todos os navios da Divisão,



O aprisionamento do corsário *Dorrego* por *Beaurepaire*. (Trajano, p. 45)

só as pequenas escunas puderam passar pelo bancos e, com a sua fraca artilharia, pouco efeito tiveram. Isso foi considerado pelo inimigo como uma grande vitória, a de **11 de junho de 1823**. Os comandantes dos navios que bloqueavam Buenos Aires, inclusive *Beaurepaire*, foram de opinião que seria mais vantajoso manter o bloqueio cerrado.

Em 1827 *Beaurepaire* deixou sua eficiente *Maria da Glória* para comandar a *Fragata Isabel*, dedicando-se a combater o corso. Uma de suas apreensões mais notáveis foi o corsário *Dorrego*, e foi promovido a capitão-de-mar-e-guerra. (Veja figura acima)

### Na Sabinada

Com a paz, *Beaurepaire* exerceu algumas funções administrativas. Em 1837, promovido a chefe-de-divisão, foi novamente chamado para combater. Seguiu para a Bahia, como comandante naval da província, para debelar a revolta que ali lavrava. Inicialmente sua tarefa foi impedir o tráfego inimigo pelo Recôncavo, sendo apresados dois brigues transformados pelos revolucionários em navios de guerra – o *Trovão* e o *Espadarte*.

Enfraquecidos os revoltosos, combinou com o General Calado, que comandava as tropas envolvidas na luta, um ataque simultâneo por terra e por mar. A 13 de março soldados e marinheiros desembarcados iniciaram o avanço. Os fortes reagiram, principalmente o *Montserrat*. Mas a 14, 14 escaleres da *Fragata Príncipe Imperial* (comando de *Beaurepaire*), da *Corveta Regeneração* e do *Brigue Treze de Maio* tomaram o forte. No dia seguinte terminava a *Sabinada*.

O presidente da Província tentou diversas vezes interferir nas operações navais, sendo repellido por *Beaurepaire*. Com isso conseguiu que as forças navais passassem a ser comandadas pelo Comandante *Mariath*. *Beaurepaire* foi chamado à Corte para responder a um Conselho de Investigação. Com suas explicações, foi absolvido unanimemente, voltando ao comando da *Isabel*.

### No transporte da futura imperatriz *Thereza Cristina*

Em 1840 foi criada a Repartição de Contadoria-Geral da Marinha, com a finalidade de gerir todo orçamento (uma espécie de

Secretaria-Geral da atualidade) e dela foi encarregado Beaurepaire. Em 1842, ajustado o casamento de Pedro II com Thereza Cristina, foi enviada para buscá-la uma Divisão sob o comando de Beaurepaire, incluindo a Fragata *Constituição* e as Corvetas *Euterpe* e *Dois de Julho*. Na capitânia iam o embaixador extraordinário, Comendador José Alexandre Carneiro Leão, e a comitiva da futura imperatriz.

Depois de 56 dias de viagem, chegaram a Nápoles. Realizado o casamento, a Divisão fez-se ao mar, acompanhada por uma Divisão da Marinha napolitana, composta pela Nau *Vesúvio* e pelas Fragatas *Amélia*, *Isabel* e *Parthenope*. Foram enormes os encômos

dados ao comandante brasileiro pela maneira altamente eficiente com que agiu tanto como marinheiro como na parte social. Ao regressar ao Brasil, passou a ficar às ordens do Conde de Áquila, marido de Dona Januária (irmã de Pedro II), indo com ele à Europa.\*

### *Na despedida do mar*

Em 1845 regressou em uma fragata francesa, despedindo-se assim do mar em um navio de sua pátria de origem. Pediu reforma como vice-almirante e os quatro últimos anos de sua vida passou-os tranquilamente, com a família brasileira, em uma propriedade rural em Engenho Novo.

## JOHN TAYLOR

Dentre os oficiais estrangeiros que foram recrutados para a recém-nascida Marinha brasileira, John Taylor tem diversas peculiaridades. Foi o único que veio diretamente da ativa da Royal Navy, tendo tido nela um começo de carreira promissor. Sua formação foi a regular, embarcando em navios e tomando parte em diversas ações, inclusive Trafalgar.

Ao decidir mudar de Marinha e de nacionalidade (foi o único oficial estrangeiro que se naturalizou brasileiro), sofreu forte reação, não só da Royal Navy, que o considerou desertor, como da família, tendo sido deserdado pelo pai, que lhe deixou um shilling e uma corda para se enforcar. Houve também um aspec-

to romântico em sua decisão, que foi a paixão por uma brasileira, Maria Thereza da Fonseca e Costa, com quem se casou mais tarde, deixando grande descendência.

### *Na Royal Navy*

John Taylor nasceu em uma família com um certo grau de nobreza, em 1789. Aos 7 anos de idade foi matriculado no Clarence College, uma boa escola pública (na Inglaterra são chamadas de escolas públicas, as particulares), de onde passou para o Royal Naval College. Seu primeiro

embarque, como *midshipman*, foi na Fragata *Brighton*, transferindo-se a seguir para a Nau *Victory*, capitânia de Nelson, onde,

---

**Ao decidir mudar de  
Marinha e de  
nacionalidade, sofreu forte  
reação, não só da Royal  
Navy, que o considerou  
desertor, como da família,  
tendo sido deserdado pelo  
pai, que lhe deixou um  
shilling e uma corda para  
se enforcar**

---

\* N.R.: Ver 3ª capa e pág. 315.

em Trafalgar, depois de comandar uma bateria, assistiu à morte do Almirante.

Aos 20 anos, *lieutenant* na Corveta *Cyane*, é ferido em combate com um navio francês. Continua sua carreira, indo ao Egito, Canadá e Índias. Em 1823 estava para embarcar na Fragata *Dóris*, no Brasil, quando se encantou com a vida aventureira nas novas Marinhas formadas para lutar pela independência dos países sul-americanos e desertou, vindo se apresentar ao Ministro Luiz Pereira da Cunha para servir na Marinha brasileira, que logo o aceitou, dando-lhe, à vista de sua experiência, o posto de capitão-de-fragata e o comando da Fragata *Niterói*, o último dos navios que vieram com D. João VI, reformado gratuitamente por particulares. Era considerado um navio ronco (vagaroso), mas depois mostrou o quanto valia.

### *Na libertação da Bahia*

Taylor seguiu com a esquadra de Cochrane para a Bahia e tomou parte na **Batalha de 4 de maio**, tendo tido papel saliente quando, nos outros navios, os marinheiros portugueses se amotinaram, fechando os paíóis de pólvora, pois colocou-se em posição em relação à esquadra por-

tuguesa de forma a impedi-la de cercar a brasileira, que se retirava.

### *Na perseguição ao comboio português*

Juntou-se a Cochrane na perseguição ao comboio português que rumava para Portugal (80 transportes comboiados por 13 navios de guerra), mas logo ficou isolado e deu início a

uma das mais impressionantes proezas navais. Como havia possibilidade de os portugueses se dirigirem para o Maranhão, seguiu costeando, passou pelo Canal de São Roque e continuou pela costa do Ceará, para onde enviou, por um iate, proclamação informando a rendição da Bahia.

Nesta passagem capturou dois pequenos transportes, mas, não apare-

cendo o comboio, decidiu ir para o largo. Ali foi feliz. Encontrou dezenas de navios carregados. Começou a caçá-los dia e noite. Rodeava a esquadra portuguesa e, numa brecha, apreendia o navio mais próximo. Chegou a navegar por dentro do comboio, em rumo oposto, trazendo consigo dois e três transportes. Encontrou um grande navio que reconheceu como o *Grão Pará*, com 270 soldados, artilharia, munição, destinados originalmente ao



John Taylor (Foto SDM)

Maranhão. Rendeu-o, lançou ao mar artilharia e munição e fez os oficiais assinarem um compromisso de não mais combater o Brasil. O comandante assinou, mas ajuntou que a isso era obrigado.

Em relação às presas, procurava cumprir rigorosamente as determinações existentes acerca da operação, esperando que o Tribunal de Presas decidisse ser ela "boa" ou "má". Assim agiu quando apreendeu uma fragata mercante, a *Prazeres e Alegria*, mas utilizou algum material para uso da *Niterói*, que estava precisando. Isso lhe trouxe futuros aborrecimentos.

Precisando de água, entrou na Ilha de São Nicolau, nos Açores, disfarçado como se fosse um navio inglês, e a recebeu. E continuou a caçada até a foz do Tejo! No regresso, a *Niterói* foi atingida por um temporal que abalou seus mastros, rasgou as velas e obrigou-o, para manter o equilíbrio do navio, a lançar no mar a artilharia. Chegou à Bahia em miserável estado, sendo recebida com grande júbilo.

Reparada a *Niterói*, ao aportar no Rio de Janeiro a recepção foi outra. As guarnições estrangeiras positivamente não eram do agrado dos portugueses que haviam ficado no Brasil e ocupavam postos de importância, uma singularidade de nossa independência: ter sido proclamada pelo colonizador, que continuava a ter forte participação na direção do País.

As presas que estavam sendo feitas eram portuguesas. No Tribunal de Presas, dos 13 membros, nove eram portugueses, que adiavam o quanto podiam as decisões, ou as tomavam de forma a não prejudicar os seus conterrâneos. E perseguiram os oficiais ingleses, que, naturalmente, se julgavam em guerra contra os antigos possuidores da terra – pelo menos para isso eles haviam sido recrutados.

Ao chegar Taylor ao Rio de Janeiro, já havia um processo contra ele devido aos materiais retirados da *Prazeres e Alegria*. Seria preso por oito meses e privado do dobro de seu quinhão das presas!

A reação, principalmente dos oficiais da *Niterói*, tendo à frente seu imediato, o brasileiro Barroso Pereira, demonstrando a lisura com que tinha ele agido ao apreender a *Prazeres e Alegria*, forçou a absolvição de Taylor. A prisão foi evitada. Seria o preço de sua ousadia.

---

**Taylor, não encontrando o comboio, decidiu ir para o largo. Ali foi feliz.**

**Encontrou dezenas de navios carregados.**

**Começou a caçá-los dia e noite. Rodeava a esquadra portuguesa e, numa**

**brecha, apreendia o navio mais próximo. Chegou a navegar por dentro do comboio, em rumo oposto, trazendo consigo dois ou três transportes**

---

*Na luta contra a Confederação do Equador*

Não durou muito tempo sua estadia no Rio de Janeiro. Suficiente entretanto para noivar, acontecimento não muito simples, porque Thereza, na forma do tempo, já estava comprometida, à sua revelia, com o Marquês da Gávea. Em Pernambuco, como reação à dissolução da Assembléia Constituinte por D. Pedro I, o presidente Francisco Paes Barreto foi obrigado a renunciar.

ar, sendo substituído por Manoel de Carvalho Paes de Andrade, que começou a resistir logo às ordens emanadas da Corte.

O comandante do navio que estacionava em Recife, Bartholomeu Hayden, avisou ao Governo Imperial o que se passava. Para repor o presidente deposto, foi enviada para Recife uma Divisão Naval sob o comando de Taylor, incluindo as Fragatas *Niterói* e *Piranga* e a Escuna *Gentil Americana*.

Seu primeiro ato ao chegar foi oficialar ao comandante das Armas, José de Barros Falcão de Lacerda, solicitando um encontro para agirem em conjunto. Este adia a tomar uma atitude e, por fim, pediu a presença de Taylor para uma reunião de Conselho formado pela Câmara. Não confiando em seus conhecimentos da língua portuguesa, enviou em seu lugar o imediato, Barroso Pereira. Ao que este assistiu, e relatou, foi uma manifestação de rebeldia, pelo que Taylor determinou imediatamente o bloqueio de Recife.

A reação de Falcão Lacerda foi insultuosa, chamando Taylor de trãnsfuga, tendo-se vendido pelo posto de capitão-de-fragata. A resposta foi ativa, alertando que Carvalho Paes estava iniciando uma guerra civil da qual iria resultar tremenda mortandade, o que aconteceu.

Havendo a notícia (falsa) de que Portugal preparava uma grande esquadra para atacar o Rio de Janeiro e fazer

voltar o Brasil à situação anterior, D. Pedro decidiu concentrar todos os navios disponíveis (que já eram um número bem maior do que na independência, fruto de aquisições, construções, subscrições populares etc.), foi suspenso o bloqueio de Recife e Taylor, com sua força, chamado ao Rio de Janeiro. Vendo-se livre do bloqueio, Carvalho de Andrade ampliou a revolta pelas outras

Províncias do Nordeste e criou a Confederação do Equador, independente do Brasil.

Desmentida a vinda da esquadra portuguesa, quando eclodiu a Guerra Cisplatina Taylor seria nomeado comandante do Rio da Prata e chefaria o bloqueio estabelecido em vez de Rodrigo Lobo, cuja ineficiência tanto mal nos causou. (Na realidade Taylor nunca assumiu e sim o Almirante Pinto Guedes.)

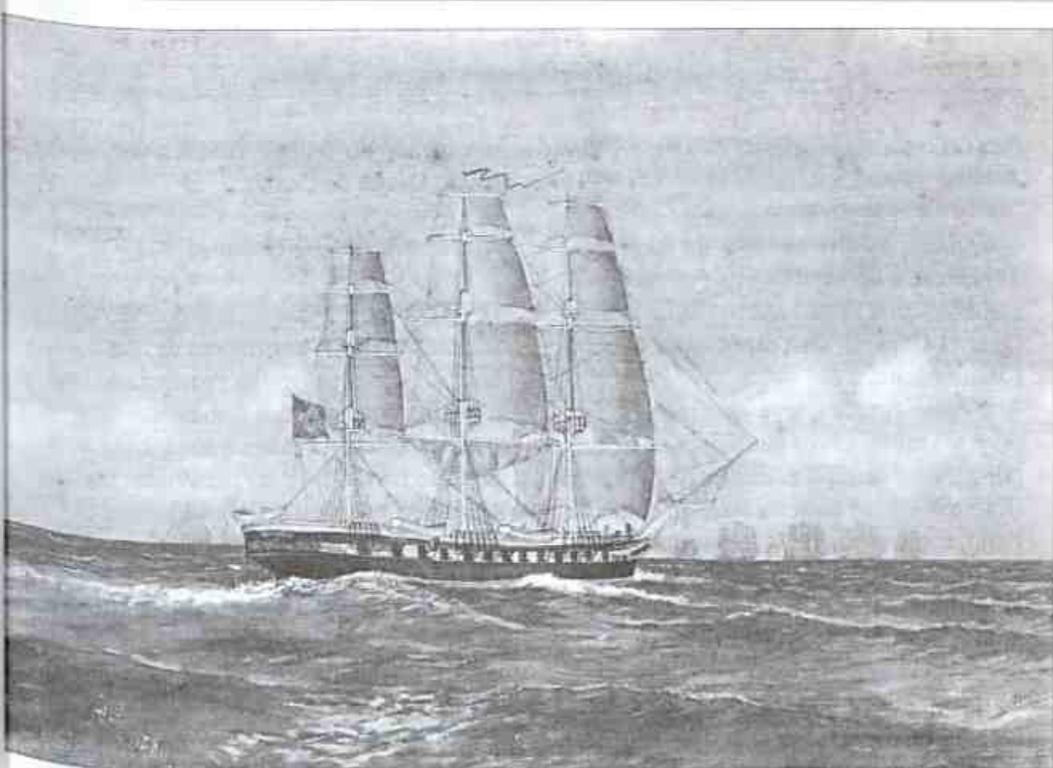
Mas a Royal Navy ainda não se conformara com a deserção de seu *lieutenant*. Com pressões diplomáticas, conseguiu que Taylor,

em agosto de 1824, fosse exonerado da Marinha brasileira. Af chegou a vez desta última ficar insatisfeita com a perda daquele brilhante oficial. E a luta diplomática continuou. Os nossos pedidos acabaram sendo tão convincentes que, por fim, o Almirantado acedeu e, a 1º de dezembro de 1825, Taylor foi reintegrado à Marinha brasileira, com a graduação de chefe-de-divisão – e casado com a sua sempre querida Thereza.

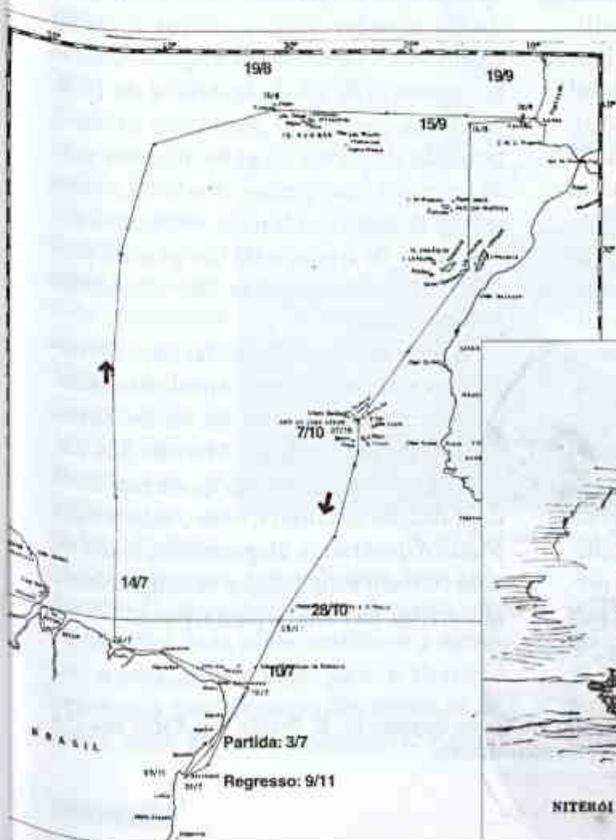
---

**Ao chegar Taylor ao Rio de Janeiro, já havia um processo contra ele devido aos materiais retirados da *Prazeres e Alegria*. Seria preso por oito meses e privado do dobro de seu quinhão das presas! A reação, principalmente dos oficiais da *Niterói*, tendo à frente seu imediato, o brasileiro Barroso Pereira, demonstrando a lisura com que tinha ele agido, forçou a absolvição de Taylor.**

---

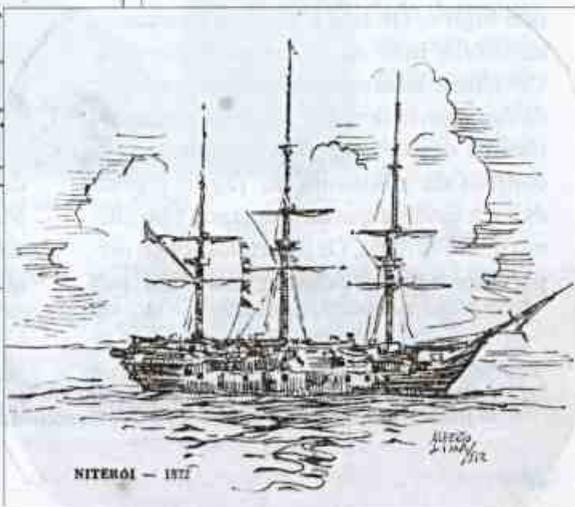


Fragata *Niterói* perseguindo a frota portuguesa. (Trajano, pág. 17)



## A PROEZA DE TAYLOR COM A *NITERÓI*

Fotos: SDM



### *Nas lutas da Regência no Rio de Janeiro*

Durante os difíceis anos da Regência, Taylor era o comandante dos navios estacionados no Rio de Janeiro e ajudante do Quartel-General, uma espécie de chefe do Estado-Maior.

Nessas funções teve que intervir nos diversos movimentos que agitavam a capital, pois a indisciplina das forças de linha (Exército) e das polícias fizeram com que Feijó, como ministro da Justiça, mandasse para fora do Rio as tropas do Exército, criasse a Guarda Nacional e organizasse uma polícia que chamou de Permanentes. A situação era tão perigosa que até uma força só de oficiais (como soldados, sem haver preocupação hierárquica) existiu. Os marinheiros eram os elementos de maior confiança, pois não se imiscuíam com a política.

Um motim dos Artilheiros da Marinha (fuzileiros navais) foi dominado pela artilharia dos navios, que bombardearam a Fortaleza de São José (atual Quartel-General dos Fuzileiros, no alto da Ilha das Cobras), e por colunas de Permanentes, de oficiais soldados e de marinheiros, que avançaram pela ilha, ocupando-a.

Em outro levante, conspiradores que estavam presos em prisões (prisões flutuantes) e na Ilha das Cobras conseguiram fugir e, em barcaças, desembarcaram na Glória, indo até o Campo de Santana. Um bilhete falso ordenou que o comandante da *Imperatriz* também mandasse os marinheiros desembarcar. O comandante desconfiou da assinatura de Taylor e pôde evitar a medida que teria deixado este último muito irritado. Os insurretos foram dispersados e presos pelos Permanentes, sob

o comando do Tenente Luiz Lima e Silva, futuro Duque de Caxias.

### *Na Revolução dos Cabanos\**

Até 1835 Taylor comandou diversas fragatas, algumas em viagens de instrução. Naquele ano deflagrou na Província do Pará a revolta chamada dos Cabanos.

Comandando a Fragata *Campista* e uma Divisão Naval, foi para lá enviado Taylor, chegando a **11 de abril de 1836**.

A situação era extremamente confusa. Havia sentimentos antilhosos, movimentos populares de pobres contra ricos (que se confundiam um pouco com os anteriores) e também luta pelo poder entre Malchers, Angelins etc.

Utilizando barcaças e escunas para atacar os rebeldes, que agiam em todo o estuário, ao mesmo tempo que lutava na cidade, sua ação exigia tenacidade e capacidade de atender vários pontos onde os revoltosos apareciam. Sua ação é descrita em relatório de **20 de fevereiro de 1836**. Confessa que teve de abandonar a cidade, pois não dispunha de gente bastante para se opor aos insurgentes, mas toda a costa estava dominada. Haveria, entretanto, necessidade de tropas e de um general para combatê-los em regiões não alcançadas pelos navios.

À vista da exposição de Taylor, o Governo Imperial enviou uma expedição comandada pelo General Andréa, sendo Taylor substituído por Frederico Mariath. Sua viagem de volta na *Campista* quase repetiu as dificuldades da *Niterói*, com o mau tempo. Mastros quebrados, alagamentos, houve de tudo com um temporal que os atingiu, tendo que arribar na Paraíba para reparos.

\*N.R.: Ver também *A Marinha na Cabanagem* do Almirante Eugênio M. R. Frazão, nas *RMBs* dos 3º e 4º trims./1989, págs. 73 a 86 e 23 a 37, respectivamente.

## Reforma e falecimento

Promovido a chefe-de-esquadra em 1837, elogiado por sua ação no Pará, confirmado no posto em 1847, em 1851 era vice-almirante. Depois de uma licença para tra-

tamento de saúde, reformado, recolheu-se a uma propriedade rural que possuía na Raiz da Serra. Vinha de quando em vez à Marinha, provavelmente para matar saudades. Em uma ida a Villegaignon, contraiu febre amarela, do que veio a **morrer em 1855**.

### JAMES NORTON

Nascido em 1789, James Norton serviu inicialmente na Royal Navy, tendo, segundo informações existentes, tomado parte em combates contra holandeses e na África do Sul. Da Royal Navy, passou a comandar os navios da East Indian Company, que pouco diferia da Royal Navy, em organização, disciplina e armamento,

como já vimos, pois deviam estar prontos para enfrentar os piratas do Índico e do Mar da China. Na Índia casou-se com Dona Elisa Blan de Erskine, viúva do Tenente-Coronel Erme Erskine, ferido gravemente e morto em Waterloo. Dona Elisa era filha de Lorde Erskine, figura que se sobressaiu na política inglesa.

Na Inglaterra, James Norton teve contato com Caldeira Brant, alistando-se na nossa Marinha, mas antes auxiliou-o a recrutar o pessoal que viria para o Brasil e orientou-o para a compra dos materiais de que a nova Marinha necessitava. Assim,

chegou com o último grupo, não tomando parte nas Guerras da Independência.

### Na luta contra a Confederação do Equador

Mas apenas chegado, com o posto de capitão-de-fragata, foi comandando a Fragua *Niterói*, incorporado à Divisão de Jewett, que bloqueava Pernambuco na luta contra a Confederação do Equador. E quando Francisco de Lima e Silva atacava Recife por um lado, desembarcou com marinheiros e dominou o lado oposto, calando os fortes e tomando Olinda.



James Norton (Foto SDM)

Foi promovido, por sua ação, a capitão-de-mar-e-guerra, recebendo de Lima e Silva elogio escrito afirmando que "... era digno de especial menção, pois desembarcara à testa da maruja e tropa destinadas ao as-

salto do bairro de Recife e teve importante parte em sua restauração”.

### *Na Guerra Cisplatina*

Regressando ao Rio de Janeiro, logo partiu e a **2 de abril de 1826** já estava em Montevidéu, pois eclodira a guerra contra as Províncias Unidas do Rio da Prata pelo domínio da Província Cisplatina, sendo imediatamente chamado a agir.

O ineficiente Almirante Rodrigo Lobo, que chefiava o bloqueio, deixara aberta a safada de Buenos Aires. Isso era aproveitado pelo audacioso Almirante Brown para sair com seus poucos navios, desenvolvendo uma espécie de guerrilha marítima, atacando os navios do bloqueio ou o tráfico no estuário e retirando-se em seguida para o abrigo de Los Pozos, protegido por bancos de areia.

Seguindo esta tática, zarpu com a Fragata *Veinte e Cinco de Mayo*, protegida por dois brigues, e, simulando ser um navio francês, tentou interferir com o tráfego que entrava e saía de Montevidéu. Descoberto seu disfarce, foi-lhe no encalço a Fragata *Niterói* com Norton, ambas trocando tiros. Brown tentou diversas manobras para se colocar em posição mais favorável de forma a atingir a *Niterói* sem ser atingido, mas Norton também manobrava, evitando. Com a noite, o combate cessou e a *Veinte e Cinco de Mayo* chegou em Buenos Aires, mas bastante avariada.

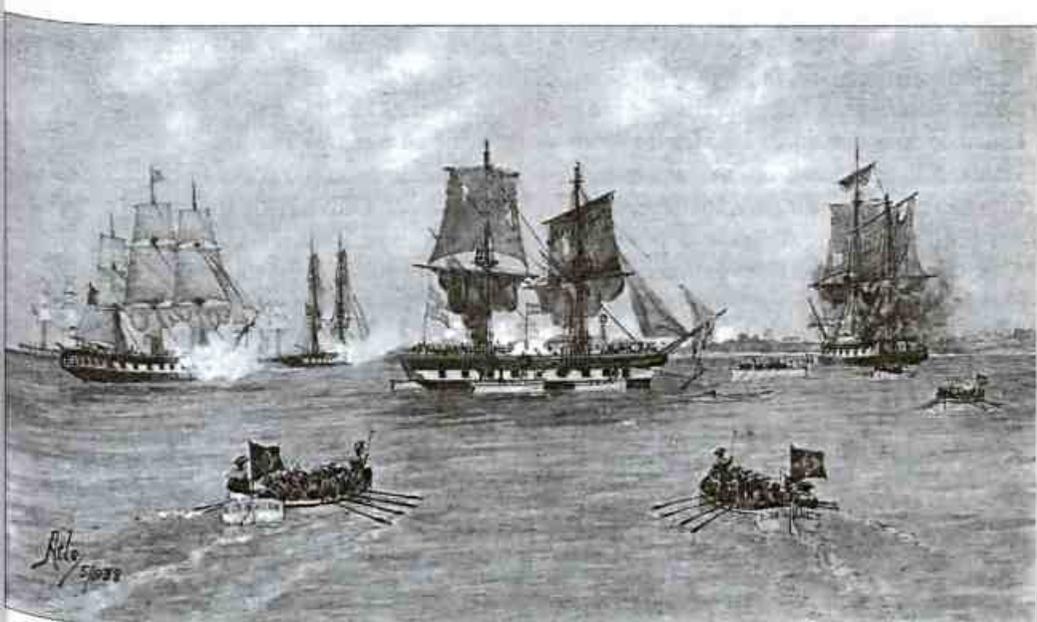
Em nova investida, Brown queria abordar a *Niterói*, mas se enganou e atacou a *Imperatriz*, sendo repellido. A *Niterói* saiu perseguindo-o, mas encalharam as duas fragatas inimigas no Banco Ortiz, e deu-se um combate de artilharia até a maré libertá-las. Como a capitânia das Províncias Unidas estava mais perto de Buenos Aires, conseguiu escapar.

Destituído por ineficiência o Almirante Lobo, foi para seu lugar o Almirante Pinto Guedes. Como já vimos, separou estes seus navios em três divisões: a primeira, de unidades de maior porte, postou-se na entrada do estuário; a segunda, de brigues e corvetas, sob o comando de Norton, dispôs-se em torno de Buenos Aires; a terceira, de escunas e canhoneiras, ficou responsável pelo Rio Uruguai.

Em uma tentativa de ser pô ao largo a **23 de maio de 1826**, Brown viu que algo havia mudado. Os navios de Norton interceptaram-no e o fizeram recuar para Los Pozos. Mas Brown não era homem de desistir. A **5 de maio e a 6 de junho**, fez novas tentativas; Norton procurou atraí-lo para fora dos bancos para melhor engajá-lo. Mas parecia, a quem assistia das barrancas, que os navios brasileiros estavam fugindo. Limitou-se assim a fazer os barcos platinos regressarem para Los Pozos.

A **11 de junho**, Norton decidiu atacar o inimigo no porto. Brown formou seus navios em meia-lua em Los Pozos, só conseguindo chegar perto deles as escunas, fracamente armadas, não obtendo bom efeito de seus tiros. Os outros navios de Norton arriscavam-se a encalhar caso se aproximassem mais. Os platinos consideraram esta impossibilidade de serem atacados uma grande vitória. Consultados por Norton, seus comandantes, por escrito, acharam mais conveniente, ao invés do ataque, manter o bloqueio de Buenos Aires.

No **dia 29 de julho**, Brown decidiu-se por um golpe mais audacioso: sair com todos os navios à noite e, de surpresa, abordar a *Niterói* e, se possível, outros navios. Mas não contava com as escunas que Norton mantinha bem na entrada de Buenos Aires para dar o alerta. A *Veinte e Cinco de Mayo* colidiu com uma delas, a *Dona Paula*, e a outra, a *Conceição*, fez o sinal luminoso combinado.



COMBATE DO MONTE SANTIAGO em 7 e 8/4/1827. A divisão brasileira, comandada por Norton, surpreendeu uma esquadilha argentina e a perseguiu, perdendo o inimigo dois de seus melhores navios. O Almirante Brown, que comandava os argentinos, ficou ferido. Na gravura de Trajano (p. 37), o incêndio do brigue *Independência* (Arg.)

Falhada a surpresa, os navios engajaram-se, mas a noite dificultou a continuação da peleja, que só foi retomada na manhã seguinte. No combate, que tomou o nome de **Lara Quilmes**, Brown tinha consigo, além da capitânia, as Corvetas *Congresso*, *República*, *Independência* e as Escunas *Sarandi* e *Rio de la Plata*. Acompanhava-o, porque pretendia sair em campanha, o corsário *Oriental Argentino*. Norton contava, além da *Niterói*, com as Corvetas *Itaparica* e *Maceió*, os Brigues *Caboclo*, *Vinte e Nove de Agosto* e *Pirajá* e a Escuna *Leal Paulistana*.

Por acaso, a Corveta *Maria da Glória* (sob o comando de Beaurepaire – ver pág. 57) – estava presente, pois tinha ido levar correspondência.

O *Pirajá* abriu fogo. Norton, em rápida manobra, ganhou barlavento e conseguiu, com o Brigue *Caboclo*, colocar a *Veinte e Cinco de Mayo* entre os dois navios, ape-

nas acompanhada pela *Rio de la Plata*. As outras unidades das Províncias Unidas retiraram-se – *Congresso* e *República* para Punta de Lara, perseguidas pelos navios brasileiros, e *Independência* e *Oriental Argentino* para El Pozo. *Sarandi* procurava aproximar-se.

Acoçada pelos *Niterói* e *Caboclo*, a *Veinte e Cinco de Mayo* foi se desfazendo, com o convés juncado de mortos. Lamentavelmente, tivemos uma grande perda. Atingido por um tiro, Grenfell, no *Caboclo*, perdeu o braço direito.

### Os navios chilenos

Houve informação de que navios chilenos adquiridos pelas Províncias Unidas viam atacar nosso tráfego marítimo na entrada da Guanabara. O Almirante Pinto Guedes reforçou o bloqueio exterior com a Fragata *Thetis* e fez-se ao mar para interceptá-los

com as Fragatas *Piranga* (comandada por Norton), *Paraguassu*, *Imperatriz* e *Dona Paula*, deixando a Segunda Divisão sob o comando do dinamarquês João Carlos Pedro Printz. Não aparecendo os navios chilenos (um não chegou a sair de Valparaíso, outro perdeu-se no Magalhães e o terceiro, *Chacabuco*, chegou a fazer uma campanha corsária com Brown, este na *Sarandi*), a Divisão do Almirante Guedes regressou para Montevidéu, passando Norton a comandar a *Dona Paula*.

### *Na Batalha de Monte Santiago*

Animado pelo êxito de sua excursão corsária com a *Sarandi* e a *Chacabuco*, Brown, em caso extremo, decidiu empregar todos os seus melhores navios em uma campanha em massa contra as nossas linhas de navegação. A 6 de abril de 1827, zarpar com a *República* como capitânia, a *Independência*, o *Congresso* e a *Sarandi*, tentando romper o bloqueio.

Interceptados pela Segunda Divisão, esta fez o inimigo encalhar em Monte Santiago, exceto o *Congresso*, que se refugiou na Ensenada, perto de Buenos Aires.

O Almirante Guedes trouxe alguns reforços. Mas a distância em que ficaram os inimigos prejudicava o efeito da artilharia. Por fim o Almirante deu o comando da operação a Norton com a Fragata *Dona Paula*, as Corvetas *Liberal* e *Maceió*, os Brigues *Caboclo*, *Vinte*

*Nove de Agosto*, *Rio da Prata* e *Príncipe Imperial* e as Escunas *Dona Paula* (homônima da fragata), *Conceição*, *Rios*, *Itaparica* e *Maria Thereza*.

À noite cessou o fogo. Recomeçou ao amanhecer. Oito navios atiravam e os outros vigiavam o *Congresso*. Uma baixa lamentável que tivemos foi o comandante do *Vinte e Nove de Agosto*, gravemente ferido. As unidades das Províncias Unidas reagiam com valentia, mas foram sendo desmanteladas. Com a subida da maré, os navios maiores puderam aproximar-se e sua artilharia utilizada. Norton levou sua capitânia até encalhar, como era seu costume estar sempre o mais perto possível do inimigo.

Chegara a hora da abordagem. Em escaleres, o Tenente Victor James Subru foi o primeiro a subir no *República*, o capitânia, que arriou a bandeira. A *Independência* incendiou-se. Muitos naufragos refugiaram-se na *Sarandi*, que conseguiu regressar para Los Pozos. Praticamente em Monte Santiago, extinguiu-se a Força Naval das Províncias Unidas.

### *Novamente na Segunda Divisão*

Novamente Norton assumiu a segunda Divisão. Daí por diante seu trabalho foi caçar os navios isolados que navegavam no Rio da Prata, procurando

---

**Chegara a hora da  
abordagem. Em escaleres,  
o Tenente Victor James  
Subru foi o primeiro a subir  
no República, que arriou a  
bandeira. A Independência  
incendiou-se. Muitos  
naufragos refugiaram-se  
na Sarandi, que conseguiu  
regressar para Los Pozos.**

\* \* \*

---

**Praticamente em Monte  
Santiago, extinguiu-se a  
Força Naval das  
Províncias Unidas**

---

auxiliar mercantes que traziam armamento e munição.

Nesta nova atividade operativa, interceptou o *Congresso*, que se transformara em corsário, fazendo-o encalhar e destruindo-o com artilharia. Em julho de 1827, tendo Norton como capitânia da Segunda Divisão a Corveta *Bertioga*, juntamente com os Brigues *Niger* (antigo corsário apreendido e incorporado à esquadra Imperial) e *Dois de Julho* e as Escunas *Nove de Fevereiro* e *Dezenove de Outubro*, avistaram dois navios suspeitos.

Eram os corsários *General Brandsen* e *Cacique* (este, ex-brasileiro transformado em corsário após ser apreendido quando em combate com o primeiro ao largo de Recife). O *Cacique* conseguiu fugir para o sul, mas o *General Brandsen* (comando de Du Kay, considerado o corsário que melhores resultados obteve) encalhou sob a proteção de um pequeno forte. Foi incen-

diado, e o forte aparentemente neutralizado. Norton, segundo seu costume, transportou-se para a *Nove de Fevereiro*. O tiro de um canhão do forte, que sobrava, atingiu-o no peito e no braço, que teve de ser amputado.

Em seu relatório, escreveu com a mão esquerda: "...Perdi meu braço direito, porém estou contente por ter sido pela causa do Imperador e do Brasil, que defendo; e estou pronto a voltar a arriscar a vida pelas mesmas causas, apenas possa fazer algum movimento,

que espero não demore". Não condiz essa declaração com o conceito que fazemos de um mercenário... Ainda ficou bom para ir ao Prata receber da *Sarandi* a comunicação da paz.

### *No transporte da Imperatriz D. Amélia*

A 15 de janeiro de 1829, o Capitão-de-Mar-e-Guerra Norton recebeu o comando da Fragata *Isabel*. Seguiu para a Europa. De lá voltou escoltando a Fragata *Imperatriz*, onde estavam embarcadas a Rainha de Portugal (filha de D. Pedro) e a nova Imperatriz do Brasil, Dona Amélia de Leuchtenberg. A Divisão, comandada pelo Almirante Souzel, chegou ao Rio de Janeiro a 16 de outubro, tendo sido, em regozijo, criada a Ordem da Rosa, com a qual Norton foi condecorado com o grau de comendador, sendo promovido a chefe-de-divisão.

---

**Perdi meu braço direito, porém estou contente por ter sido pela causa do Imperador e do Brasil, que defendo; e estou pronto a voltar a arriscar a vida pelas mesmas causas, apenas possa fazer algum movimento, que espero não demore**

---

*James Norton*

---

### *Na administração e falecimento*

Foi inspetor do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro. Em 1833 pediu licença e, não se sabe por que, foi à Nova Zelândia, morrendo quando voltava a bordo de um navio inglês, o *Waterloo*. Como prova de seu amor ao Brasil, chamou seus filhos de Marina, Indiana Brasil, Fletcher Carioca, Frederico de la Plata, William Slater e Maria Brasília.

## JOHN PASCOE GRENFELL

John Pascoe Grenfell era um guerreiro nato. Ao ser convidado para integrar a Marinha chilena, tinha 20 anos, mas contava com nove anos de mar e de lutas embarcado nos navios da East Indian Company, onde já era oficial. Foi admitido como tenente, tornando-se um dos homens de confiança de Cochrane.

Como tal, tomou parte nas duas maiores proezas daquele almirante no Pacífico: as tomadas da Fragata espanhola *Esmeralda*, fundeada em Calau sob a proteção de 300 canhões, e de Valdivia, um porto muito bem defendido no sul do Chile.

### *Na libertação da Bahia e do Maranhão*

Grenfell veio para o Brasil com Cochrane no Brigue *Coronel Allen*. Alistou-se na Marinha brasileira e embarcou na Nau *Pedro I*. Foi para a Bahia, tomou parte no **Combate de 4 de maio de 1823**, acompanhou Cochrane no Maranhão e aí recebeu a incumbência de, com o Brigue ex-*São Miguel*, redenominado *Maranhão*, ir para Belém, utilizando a mesma finta de Cochrane em São Luís para conquistar a Província, isto é, simular que encabeçava uma grande esquadra.

Recebeu como instruções de Cochrane levar três cartas, as duas primeiras exigindo que a Junta aderisse ao Império e narrando o que se passara no Maranhão. Essas cartas deveriam ser entregues em um bote ao largo. Se não fossem aceitas, a terceira estabeleceria o bloqueio. Uma grande fragata que estava sendo construída em

Belém seria desaproprada, completada e levada para o Rio de Janeiro. Grenfell largou do Maranhão a **28 de julho de 1823**.

### *Na libertação do Pará*

Cinco dias depois estava em Belém. As instruções foram cumpridas. A Junta aceitou a intimação. A situação no Pará era muito delicada entre brasileiros e portugueses, com visível superioridade desses últimos. Pouco antes da chegada de Grenfell, o parti-



João Pascoal Grenfell (Foto SDM)

do da independência havia sido sufocado, com a prisão de 271 brasileiros condenados à morte, mas indultados graças à intervenção do Bispo Dom Romualdo e enviados a ferros para Lisboa, onde chegaram em menor número, devido às mortes no caminho.

A idéia da independência continuava viva apesar dessa reação, e os seus adeptos exultaram com a chegada de Grenfell.

Obtido um prático, a 10 de agosto de 1823 o *Maranhão* fundeava em frente à cidade, mas fora do alcance dos fortes que a defendiam. A junta caiu no mesmo embuste, e Grenfell foi aclamado por um grupo de pessoas gratas. A fragata, que se chamava *Bonita*, foi ocupada e recebeu o nome de *Imperatriz*.

Entretanto nem todos os governantes acreditaram na esquadra que acompanhava Grenfell. O comandante das Armas, Brigadeiro José Maria Moura e o coronel do Regimento, José Pereira Vilaça, opuseram-se à decisão da junta, esperando que os navios aparecessem. Grenfell imediatamente oficiou à junta pedindo a prisão de am-

bos, que foram recolhidos a bordo do brigue. Daí passaram para uma galera – a *Tanagra* – e foram exilados para Portugal.

Um governo provisório instalou-se a 18 de agosto de 1823. A guerra antilusos acalmou, mas os brasileiros se dividiram em duas

facções, os moderados e os exaltados, estes últimos querendo que imediatamente fossem despedidos todos os portugueses das funções provinciais que exerciam, e os primeiros acreditando em sua sincera adesão. A nova junta não atendeu a nenhum dos dois partidos.

A Câmara ficou constituída só de brasileiros, e foram dissolvidos dois corpos militares formados por portugueses. Apesar de não concordar com as violências antilusas, Grenfell foi considerado o maior inimigo dos portugueses e foi decidida a sua supressão. Um embarcadço português, aproveitando-se da escuridão, esfaqueou-o quando ele ia tomar a embarcação que o levaria para bordo.

No Pará, entretanto, não eram só os sentimentos patriótico e antilusos que causavam atritos, algumas vezes sangrentos. Havia também a luta pelo poder entre diversas facções. Isso levou a um levante da tropa de linha do Segundo Regimento, sob a instigação de dois exaltados, o Cônego Batista Campos e Clemente Malcher. Exigiam a demissão do presidente da Junta, Geraldo José de Abreu, para dar lugar ao Cônego Batista, e mais a deportação dos portugueses que consideravam hostis à causa da independência, embora estes afirmassem não estar conspirando contra a libertação da Província ou o Governo de Sua Majestade Imperial.

---

### Um embarcadço português, aproveitando-se da escuridão, esfaqueou Grenfell quando este ia tomar a embarcação que o levaria para bordo

---

Satisfeitos os sublevados, foram feitos esforços para apaziguar os ânimos, no que muito ajudou Grenfell. Mas isso não impediu que soldados e a ralé deixassem de praticar atentados, arrombando e deprimando lojas, matando portugueses. No dia

16 de agosto, a nova junta, que se dizia provisória, agradeceu os préstimos de Grenfell em sustar as desordens. Mas a calma durou pouco. Novamente reproduziram-se os saques, as estropias, os assassinatos e, como os principais desordeiros eram os soldados, foi pedido o auxílio de Grenfell.

Este reuniu os marinheiros dos navios que estavam no porto e, com ajuda de milicianos e populares, perseguiu e prendeu os que incitavam os tumultos, mandando-os para o quartel. Com um gesto mais enérgico, para que aquilo não continuasse, fuzilou em praça pública os quatro cabecilhas. E, para completar, prendeu o próprio cônego, como o instigador do mo-

vimento, mandando-o para o Rio de Janeiro na Escuna *Gentil Americana*.

A Junta foi recomposta com a presidência anterior, que, por garantia, solicitou que Grenfell tivesse gente para desembarcar, chamada por um sinal de bandeira durante o dia ou um farol aceso à noite. Uma proclamação agradeceu a intervenção de Grenfell no domínio da insurreição.

Continuando a perseguir os que a ela se opunham, a Junta prendeu mais 152 implicados, mas não sabia onde colocá-los, logo, pediu a Grenfell que lhe fornecesse, dentre os navios no porto, um para servir de presinganga (prisão flutuante). Foi-lhe entregue o *Diligente*, em

cujos porões encerraram os prisioneiros.

Com a noite quente, sem ar, sem água, os guardas de quando em vez atirando para impedir insurreições, de tudo resultou uma tragédia indescritível – a morte de todos menos um (que ficou fora do juízo), não só por falta de ar como por haver luta entre eles quando desciam uma

bacia com água, todos querendo ser o primeiro a beber. Tentaram envolver Grenfell no horrendo episódio, mas ele apenas cedera um barco a pedido da junta, nada tendo a ver com o uso que dele fizeram.

Os movimentos subversivos não se limitavam a Belém. Em Cametá, principalmente, e em menores proporções noutros pontos do litoral do estuário, também havia conflitos e desordens. Mais uma vez a junta recorreu a Grenfell. Por sua ordem, o imediato James Subru organizou uma esquadilha de canhoneiras para combatê-los. A primeira ida a Cametá não teve êxito. Outra flotilha foi preparada por Grenfell, com as

Escunas *Lusitânia*, *Andorinha* e *Carolina* e três barcaças transportando tropas de linha. Mas Grenfell, tendo ficado pronta a armação da *Imperatriz*, comunicou que, de acordo com as ordens que tinha, rumaria para o Rio de Janeiro.

### A reação da Junta

A Junta e a Câmara sentiram que iriam ficar sem garantias e, em longo ofício, praticamente imploraram sua permanência com a *Imperatriz* e o *Maranhão*. Afirmavam que, com sua ida para o sul, a expedição a Cametá falharia e a capital ficaria inteiramente desprotegida. Também causaria uma

fuga dos comerciantes, ingleses inclusive, por não se sentirem seguros. Recomeçariam os atritos entre as facções existentes. A junta dirigir-se-ia a SMI pedindo que desse contra-ordem e os navios ficassem em Belém.

Grenfell deu, entretanto, prioridade às ordens recebidas (e talvez já estivesse far-

to com as intrigas locais que não tinham fim...). E velejou com seus dois navios. A Junta, se bem que já se tivesse empossado desde o **dia 2 de maio** o novo presidente da Província, Coronel de Araújo Roso (chegado na Escuna *Gentil Americana* juntamente com o comandante das Armas, José Inácio Borges), enviou ao ministro da Marinha uma extensa exposição, acusando fortemente Grenfell, sem fazer alusão sobre o que de positivo ele realizara.

Dizia que o Brigue *Maranhão* havia chegado com bandeira parlamentar e exigido que a cidade e a Província proclamassem sua independência política, reconhecendo

---

**Com a noite quente, sem ar, sem água, os guardas de quando em vez atirando para impedir insurreições, de tudo resultou uma tragédia indescritível – a morte de todos (152) menos um (que ficou fora do juízo)**

---

o Imperador D. Pedro I. A unanimidade que existia entre os habitantes da província em sacudir o antigo jugo fez com que imediatamente acedessem à imposição trazida por Grenfell.

Mas logo que este teve franqueada a entrada do porto, confiado em sua força (!) e na pouca estabilidade do Governo da Província, arrogou-se com ameaças na posse da Fragata *Imperatriz Leopoldina*, que se construía em estaleiro imperial, assim como as presas dos navios portugueses. A Junta Provisória do Governo da Província não concordou com os males de tal arrogância, mas, temendo uma crise melindrosa, que podia provir de uma contestação, e confiando que ordens de SMI em breve poderiam aplinar tudo e sufocar seus receios, julgou mais acertado concordar com as exigências.

Pensavam que o Comandante Grenfell tivesse atingido as metas de sua ambição e deixasse a Junta resolver em sossego os problemas políticos locais. Mas Grenfell, não se limitando ao que tocava às forças de mar, interferiu pouco a pouco em tudo, voltando-se ora para o lado dos brasileiros, ora para o dos europeus, colocando a Junta na dura situação de anuir com as atitudes com as quais ela não concordava.(!)

Depois da revolta de **15 de outubro de 1823**, o Comandante Grenfell voltou-se totalmente para o partido europeu, não permitindo que contra ele nada se fizesse, o que se ampliou por Cameté e Cintra, e não admitindo a demissão dos que eram contra a independência do Brasil.

Enquanto a Junta se via envolvida nessas complicações, Grenfell aproveitou-se para ganhar terreno em suas práticas, aumentando os salários dos operários que trabalhavam na fragata, expulsando de seu fabrico o intendente de Marinha e alguns outros, e começou a dispor das coisas do Arsenal, pertencentes à Fazenda Imperial,

prometendo passar recibos, o que nunca fez, e deixou o Arsenal inteiramente despojado.

Com a força dada aos portugueses, estes espalharam o terror nas cidades e, com o pretexto de que as tropas de linha iam sublevar-se, fizeram-nas desarmar-se. A Junta, contudo, conseguiu que fossem demitidos os oficiais brasileiros e portugueses que não concordaram com a independência. Uma série de boatos fez com que se preparasse um flotilha para combater as desordens em Cameté. Grenfell encarregou-se de organizá-la, mas, ao mesmo tempo, pôs a *Imperatriz* e o *Maranhão* em estado de navegar e avisou que com estes dois navios iria deixar o porto. Com isso, as medidas tomadas contra Cameté foram suspensas, pois sem a fragata e o brigue a flotilha ficaria sem apoio para sua segurança.

Todos esses sacrifícios foram feitos para dotar a Armada Imperial de mais uma fragata. Mas devemos-nos lembrar que a mesma fragata serviria para melhor suspender as nossas dissensões internas até que SMI nos mandasse os recursos necessários. Tudo foi baldado. Grenfell levou a fragata no momento mais crítico de nossa existência política, ajuntando ao ato de sua saída, que nos deixava sem proteção, mandar tirar (segundo se diz) muitas coisas de lojas particulares que não quiseram pagar e levar em sua fragata escravos de donos diferentes, que também não foram indenizados.

Tal é o esboço do comportamento do Tenente Grenfell neste porto de Belém do Grão Pará. SMI pôde contar com ele como um bom apresador, não como amigo e defensor do Império.

### Respondendo a Conselho de Guerra

Esta exposição, embora injusta e maldosa, que não tocou nos fuzilamentos nem

na tragédia do *Diligente*, que também incriminariam a Junta, fez com que o ministro da Marinha, Marquês de Paranaguá, desse ordem para prender Grenfell. No dia 24 de março, a *Imperatriz* fundeou na Guanabara. Na mesma noite foi invadida e foram retirados todos os documentos que pudessem incriminar Grenfell, que tratou de se refugiar na fragata inglesa *Spatiale*. A insistência portuguesa para que ele se reapresentasse foi contínua junto a Cochrane, que se limitava a dizer que não podia interferir junto às autoridades inglesas que o protegiam.

As exigências portuguesas nas negociações de paz que a Inglaterra procurava levar adiante entre Brasil e Portugal incluíam que cessassem as hostilidades brasileiras contra os navios portugueses, a restituição de todas as propriedades portuguesas injustamente confiscadas, nada se intentar contra as colônias que continuavam portuguesas (Angola) e, o que era mais importante, pois seriam naturalmente os executores dos atos que acima queriam abolir, a demissão de todos os súditos ingleses empregados pelo governo do Brasil. Repetindo a ação contra Taylor, não era de estranhar que a pressão pela prisão de Grenfell persistisse.

Um enérgico ofício foi enviado ao Foreign Office pedindo a entrega de Grenfell, que deveria responder a Conselho de Guerra. A resposta foi que a Inglaterra ignorava completamente as acusações feitas ao oficial em questão e o procedimento que contra ele intentavam os tribunais.

A ordem dada a Cochrane para que mandasse um oficial prender Grenfell a bordo do *Spatiale* teve a seguinte reação: "...Tenho a participar a V. Excia. que tenho visto do Capitão-Tenente Grenfell a bordo do *Pedro I* ou então em minha casa, e ficou ele inteirado verbalmente e por escrito da ordem que fora dada por V. Excia. para que

ele se apresentasse no Arsenal às 9 horas do dia 26, e como este tempo tenha passado antes da ordem lhe ter sido participada, esta não pôde ser cumprida. E de mais agora tenho de participar a V. Excia. que, em obediência a seu ofício datado de ontem, expedi uma Ordem Geral para ser preso o Tenente Grenfell no caso de ele se achar em qualquer navio de guerra, mas acho de meu dever acrescentar que se devia nomear um *provot marshal* para ter a si este cargo. Na verdade, V. Excia. há de inferir que tais são os sentimentos que têm excitado entre os oficiais por longas prisões antes de começarem os Conselhos de Guerra, sem conhecerem os acusados as acusações, sem os meios de se justificarem, sem receberem as comedorias e os soldos, o que não é razão que eles queiram servir de meirinhos para prenderem uns aos outros".

As pressões e os ofícios continuaram, e, em uma de suas informações, Cochrane dizia mais: "...Acrescento porém que o Capitão-Tenente Grenfell pretende se entregar logo que souber que seus juizes não são de uma nação contra a qual ele tem sido empregado em ações de Guerra...".

Por fim Grenfell apresentou-se no *Pedro I*. Mas as notícias vindas de Pernambuco (1824) fizeram com que o caso perdesse a importância. Indo o navio para o Norte, Grenfell solicitou seguir com ele, apesar de preso. Concordaram, mandando pagar-lhe todos os atrasados. Tomou parte no bloqueio de Recife e foi com Cochrane para o Maranhão, depois da derrota da Confederação do Equador.

Voltou para o Rio de Janeiro, e, por Portaria de 25 de setembro, foi mandado prosseguir o Conselho de Guerra. Apesar de estar em julgamento, a 6 de abril assumiu o comando do Brigue *Caboclo*, e, a 18 de abril, o Conselho Supremo Militar e de Justiça (Supremo Tribunal Militar de hoje) ab-

solveu-o por falta de provas dos artigos da acusação, "bem destruídos pela defesa apresentada". E a 8 de maio foi promovido a capitão-de-fragata!

Vê-se por aí o que representava a perseguição portuguesa aos oficiais estrangeiros. Possivelmente Grenfell compreendeu ser uma de suas vítimas pois, apesar da injustiça e das prisões, continuou a servir ao Brasil por 40 anos, mesmo depois de mutilado em batalha. E dá-se-lhe a adjetivação de mercenário como conotação desprezível...

### Na Guerra Cisplatina

Com a eclosão da Guerra Cisplatina, o *Caboclo* foi dos primeiros navios a seguir para o Prata. Fez parte da Segunda Divisão de bloqueio comandada por Norton, e este, em ofício, lamentou que a um oficial daquele valor só dessem um brigue para comandar. Na Batalha de Lara Quilmes, juntamente com a *Niterói*, cercou a *Veinte Cinco de Mayo* e destruiu-a. Mas, lamentavelmente, um tiro fê-lo perder o braço direito.

O ferimento foi muito grave, havendo mesmo perigo de vida. Suportou as dolorosas cirurgias da época, mostrando, segundo os médicos, "espírito, coragem e valor". Depois de um ano de convalescença, novamente apresentou-se para servir, sendo-lhe dado o comando da Corveta *Maria Isabel*, com a qual seguiu para o Prata, assistindo às cerimônias da paz. Em 1829 foi promovido a capitão-de-mar-e-guerra e assumiu o comando da Fragata *Isabel*, indo à Europa, pois havia a idéia de auxiliar a esquadra de D. Pedro na sua luta contra o irmão para assegurar o trono de Portugal para a filha, Maria da Glória, o que não se efetivou. Seu braço ainda o incomodava. Teve uma longa licença, residindo em Montevideu, e regressou para a Marinha em 1833, para comandar a Fragata *Bahiana*.

### Na Revolução dos Farrapos

A Regência via-se em dificuldade com o movimento Farrapo no Rio Grande do Sul. Em 1835, a solução encontrada para melhorar a situação dos imperiais foi chamar Grenfell para ser o comandante das forças navais estacionadas no Rio Grande do Sul. Seguiu para sua nova campanha na Escuna *Leopoldina*. Deveria dominar as Lagoas dos Patos e Mirim e as costas do Rio Grande. Apesar das dificuldades, conseguiu armar alguns lanchões. Tinha pela frente uma escuna, a *Farroupilha*, que foi apreendida.

Tendo notícia de que no Sul os republicanos haviam estabelecido um forte no Arroio de Pelotas para impedir a comunicação com a Lagoa Mirim, para lá se dirigiu com a barcaça a vapor *Águia* e uma canhoneira. Enviou mensagem aos revolucionários convidando-os a se renderem. Não tendo resposta, reforçou sua flotilha com um cúter e um iate e começou o bombardeio. Não se atreveu a desembarcar, pois só contava com grumetes recém-alistados, que não seriam adversários para os valentes e lutadores gaúchos. Um iate farroupilha foi apresado, mas a situação ficou estável.

Voltou-se então para o Norte, onde seria necessário abrir caminho para Porto Alegre, o que significava neutralizar os fortes Itapuan e Juncal, que a defendiam. Com as canhoneiras sob a chefia do inglês Parker, ao mesmo tempo desembarcou marinheiros, atacando Itapuan por terra e o bombardeando, conseguindo tomá-lo. Quando esperavam repetir a ação contra Juncal, encontraram-no abandonado.

Sendo Bento Gonçalves – o chefe farroupilha – obrigado a suspender o cerco a Porto Alegre, resolveu este dirigir-se para Jaguarão, onde obteria recursos vindos do Uruguai. Para isso, subiu o Rio Jacuí

pela margem esquerda, onde pretendia unir-se com as tropas de seu aliado Crescêncio.

Bento Manuel, outro caudilho, agora inimigo de Bento Gonçalves (variou muito de lado...), combinou com Grenfell e a sua flotilha de escunas e canhoneiras colocarse na passagem de Bento Gonçalves. Este, vendo-se cercado, tentou passar por uma ilha – de Fanfa. Simulando retirar-se, Grenfell afastou-se. Bento Gonçalves fortaleceu a ilha, achando que assim passaria. Mas encontrou pela frente, ao tentar cruzar o rio, a flotilha imperial, que, com as tropas de Bento Manuel, derrotou-o, prendendo 500 homens, inclusive seu chefe, com 120 inimigos mortos e 55 bocas-de-fogo apreendidas.

Com essa vitória, Grenfell foi promovido a chefe-de-divisão. Em seu relatório dizia: "...o que a Marinha tem a fazer está feito. Se V. Excia., não acha indispensável minha permanência, gostaria de receber ordens para regressar para a Corte".

À vista da confusão que havia, tendo Bento Manuel voltado para a facção revolucionária, decidiu Grenfell tentar obter a paz. Dirigiu carta aos chefes farrapos Antônio Ferreira Neto e Domingos Crescêncio, sugerindo uma trégua na qual se negociasse a paz. A receptividade foi boa, redigindo-se, a 20 de maio de 1837, uma Convenção, assinada por Grenfell, Joca Tavares (comandante da Guarda Nacional) e Domingos Crescêncio, devendo as forças navais se

localizarem no Rio São Gonçalo e as terras nas duas margens.

As cartas trocadas entre os chefes militares e o presidente da Província prometiam um acordo, mas não havia a mesma vontade entre os outros elementos legalistas, sendo Grenfell violentamente atacado pela imprensa. Também Joca Tavares tomou posições hostis, não cumprindo a Convenção, com passagens de tropas de uma margem para a outra. As atitudes agressivas

continuaram e as boas intenções de Grenfell fracassaram, limitando-se ele a ocupar o Rio São Gonçalo.

Com a falência de sua iniciativa, Grenfell dirigiu-se ao ministro da Marinha, Rodrigo Torres, em correspondência enviada pela Escuna *Primeiro de Abril*, dizendo que a campanha que já era favorável à legalidade precisava agora dos prometidos recursos de infantaria e de um general (Caxias?) para começar a ofensiva por terra.

Pouco já era solicitado à Marinha: uma outra intervenção para

reforçar certas posições das forças imperiais, fiscalização para que não aparecesse qualquer unidade flutuante na lagoa e o domínio do Rio São Gonçalo. E atenção no mar, pois a República de Piratini autorizara o corso.

Ainda havia nos meios políticos críticas à sua tentativa de conciliação. Também seu relacionamento com o presidente da Província, Marechal Eliziário Brito, não era bom. Por tudo isso, Grenfell insistia para

---

**A proibição de haver movimento cruzando o Rio da Prata impediu o recuo de Oribe para Buenos Aires, contrariando os desejos dos comandantes ingleses e franceses presentes, pelo que Grenfell enviou longo memorial declarando que em absoluto permitiria essa passagem e que qualquer ajuda seria considerada ato hostil**

---

ser substituído naquela comissão que já durava 18 meses!

O Ministro acedeu e foi nomeado para o comando das forças navais na Província do Rio Grande o Capitão-de-Mar-e-Guerra Mariath, indo Grenfell para o comando do Rio da Prata. Mariath não satisfazendo (mais tarde destruiu a flotilha organizada por Garibaldi em Laguna, acabando com a República Juliana), foi Grenfell novamente chamado, com instruções de cooperar com o Exér-

do. Passou o comando das forças navais na Província ao Capitão-de-Mar-e-Guerra Antônio Pedro de Carvalho e de novo assumiu o Rio da Prata. Seu comando foi ampliado por todo o sul do Brasil. Tendo SMI desejo de fazer uma visita às Províncias do Sul, Grenfell foi encarregado de transportá-lo, comandando uma Divisão que incluía as Fragatas *Imperatriz* e *Constituição*, a Corveta *Euterpe*, os Brigues *Fidelidade*, *Pirajá* e *Argos* e o Vapor *Imperatriz*. De volta foi no-



Sob o comando de John Pascoe Grenfell – a serviço da Marinha Imperial desde 1823 –, havia no Rio da Prata, para a luta contra Oribe e Rozas, uma esquadra de 17 navios, constituída pela Fragata *Constituição*, por dez corvetas e brigues e seis vapores. A participação da Marinha foi decisiva. Na foto o vapor *D. Afonso* (*História do Brasil* – Bloch Editores, pág. 411)

cito, mas não ficando a ele subordinado. Houve aprovação de seu esforço para a conciliação, e o Marechal Brito foi substituído pelo Dr. Saturnino de Souza Oliveira.

Coube-lhe repetir a neutralização dos fortes de Itapuan e Juncal, que haviam sido restabelecidos, e bloquear no Rio Capivari canhoneiras que os rebeldes construíram.

#### *No Comando no Rio da Prata*

Em consideração aos serviços prestados, foi promovido a chefe-de-esquadra gradua-

meado cônsul em Liverpool, mas com a missão de acompanhar a construção do primeiro navio de guerra a vapor da Marinha brasileira, a Fragata *D. Afonso* (comando de Tamandaré).

#### *Na Guerra contra Rozas*

Em 1850 começou o Brasil a se preocupar com a política do Prata (agora que não tinha mais problemas internos), principalmente com as ambições do ditador argenti-

## PASSAGEM DE TONELERO



A 17 de dezembro de 1851, a esquadra brasileira comandada por Grenfell e transportando a divisão do Exército chefiada pelo General Manuel Marques de Souza forçou a Passagem de Tonelero, no Rio Paraná, batendo com seus canhões as baterias argentinas do General Mancilla – “Passagem de Tonelero” – Edição de Martino. Museu Histórico Nacional. (*História do Brasil* – Bloch Editores, pág. 408)

RO

# uma vitória de GRENFELL



divisão  
Rio Pa  
5" - Ed  
(08)

\*T/2004

RMB2\*1/2004

no Rozas, que, esquecido do **Tratado de Paz de 28 de outubro de 1828 (que fizera a paz da Guerra Cisplatina e criara a República Oriental do Uruguai)**, no qual Brasil e Províncias Unidas do Prata comprometeram-se a garantir a independência do novo país e não intervirem em sua política interna, fazia conchavos com Oribe, que cercava Montevidéu.

Para garantir a atitude que deveríamos assumir no Prata, levando talvez à guerra, Grenfell foi mais uma vez chamado, desta vez de Liverpool, para onde fora nomeado cônsul brasileiro.

A **16 de abril de 1851**, Grenfell zarpou do Rio de Janeiro à testa da Fragata *Constituição*, das Corvetas *Dona Januária* e *União* e dos Vapores *D. Afonso*, *Recife* e *Capiberibe*, juntando-se às unidades que já se achavam no Prata, perfazendo um total de 13 navios e 171 canhões.

Grenfell imediatamente ocupou os Rios Paraná e Uruguai, impedindo qualquer movimento de margem a margem, defendendo também as províncias de Entre Rios e Corrientes, cujo caudilho estava contra Rozas.

No Vapor *D. Afonso* subiu o Rio Uruguai para reconhecer a posição das forças de Buenos Aires (de Rozas) e foi recebido com vivo fogo de baterias na margem, junto à Vila de São Nicolau, sob o comando do General Mancilia, fogo que o *D. Afonso* revidou. Foi a abertura das hostilidades.

A proibição de haver movimento cruzando o Rio da Prata impediu o recuo de Oribe para Buenos Aires, contrariando os desejos dos comandantes ingleses e franceses presentes, pelo que Grenfell enviou longo memorial declarando que em absoluto permitiria essa passagem e que qualquer ajuda seria considerada ato hostil.

Oribe teria que enfrentar as forças aliadas de Caxias, Urquiza e Garzon (uruguaios). Com isso, ingleses, franceses e norte-americanos se consideraram neutros. Oribe foi

derrotado. Alguns oficiais procuraram refúgio em navios ingleses. Grenfell oficiou aos comandantes britânicos dizendo que aceitaria o abrigo diplomático, mas não o transporte para reforçar o inimigo.

As atitudes de Urquiza eram dúbias, às vezes parecendo estar favorecendo Oribe, outras vezes sugerindo que Grenfell aceitasse transportá-lo para prendê-lo no caminho, o que não foi aceito, com a declaração de que nem o inimigo merece deslealdade.

A estratégia adotada consistia no Exército brasileiro se manter como reserva em Sacramento, enquanto Urquiza transporia o Rio Paraná em Diamante para enfrentar Rozas. Mas teria de ser auxiliado por uma Divisão brasileira, comandada por Marques de Souza (o futuro Conde de Porto Alegre), ficando Caxias pronto para desembarcar perto de Buenos Aires, em Quilmes, colocando Rozas entre dois fogos.

Para a Divisão de Marques de Souza ser levada para Diamante, precisaria cruzar diante das baterias de Mancilia, em São Nicolau. **Na travessia (de Toneleros)** Grenfell fez os navios a vapor, que eram desarmados, rebocar os veleiros com seus canhões. A passagem teve êxito, apesar do intenso fogo argentino.

A Divisão de Marques de Souza decidiu a Batalha de Monte Caseros, com o fim de Rozas – isso apesar de ser um tanto dificultada por Urquiza, pois seus cavalariaos eram aptos a grandes correrias, mas não a uma batalha regular. Voltando com a *D. Afonso*, Grenfell levou Caxias para selecionar o local onde preferia desembarcar.

### **Cônsul em Liverpool**

Por Decreto de **3 de novembro**, Grenfell foi promovido a vice-almirante (posto máximo da Marinha Imperial) e terminou seus dias como cônsul em Liverpool, em 1869. Foi o oficial inglês que mais combateu por sua pá-

tria escolhida. O Brasil foi feliz de tê-lo à frente de seus navios desde Belém até o Prata.

## OUTROS OFICIAIS

Além destes, muitos outros houve que se apaixonaram por esta terra. Hayden, Sheperd, Parker, Inglis, Printz, todos eles combateram, deram até suas vidas pela

Pátria de adoção, Alguns, mutilados, continuaram na linha de frente. Fizeram carreiras brilhantes, transmitindo-nos os conhecimentos da melhor Marinha do mundo na época e nos campos batalha, na fase da História brasileira na qual mais lutamos no mar. Devemos muito a eles – pelo menos sejamos justos com sua memória!

### CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<NOMES> /; Cochrane, Alexandre Thomas C (Alm. MB e RN) /; Jewett, David (Chefe-de-Divisão MB) /; Beaurepaire, Theodoro Alexandre (Vice-Almirante, MB) /; Taylor, John (Vice-Almirante MB) /; Norton, James (Chefe-de-Divisão MB) /; Grenfell, John Pascoe (Vice-Almirante MB) /; Guerras da Independência /; Confederação do Equador /; Guerra Cisplatina /; Sabinada /; Revolução dos Cabanos /; Revolução dos Farrapos /; Guerra contra Rozas (Argentina);

## BIBLIOGRAFIA

- Nossos Almirantes – Henrique Boiteux (RMB);  
 Almirante John Pascoe Grenfell na Marinha; Levy Scavarda (SDM).  
 Oficiais de Cochrane. Marinhas Britânica e Brasileira. Brian Vale (SDM).  
 Estratégia. Poder Marítimo. Criação da Marinha Brasileira – Brian Vale (SDM).  
 John Taylor (Anônimo SDM).  
 Fés de Ofício dos Oficiais Referidos (SDM).  
 Relatórios e Documentos vários (Arquivo Naval SDM).  
 Cochane, uma figura polêmica. Helio Leoncio Martins (Clube Naval).

**As palavras voam, os escritos permanecem.**

*Aloisio Derossi*

## ANEXO

## NOTAS COMPLEMENTARES

Elaboradas pela RMB baseadas no artigo *Marinheiros ingleses na Marinha do Brasil-1822-1850* de Brian Vale (RMB 2º trim./1999 pág. 101 a 108)

## 1 – A Marinha Brasileira:

Em janeiro de 1823:

14 navios de grande porte com 382 canhões.

Eram eles: Naus: *Pedro I* (74 canhões); fragatas: *Piranga* (62), *Real Carolina* (44) e *Niterói* (38); corvetas: *Maria da Glória* (26), *Liberal* (20) e *Maceió* (20); brigues: *Cacique* (16), *Real Pedro* (14), *Caboclo* (18) e *Guarani* (14); bergantins (todos com 10 canhões): *Real*, *Atlanta* e *Rio da Prata*.

Em janeiro de 1824:

26 navios em operação com 620 canhões além de sete em construção. Pessoal: 174 oficiais (em 1825), 14 almirantes; 32 capitães-de-mar-e-guerra; 25 capitães-de-fragata e 103 capitães-tenentes.

Em maio de 1828: (Relatório do Ministério da Marinha à Assembléia Legislativa)

76 navios de guerra com 875 canhões (pessoal: 8.419 homens)

Em 1832: (Relatório, idem) – 16 navios de guerra (pessoal: 1.500 praças e 250 oficiais)

## 2 – Marinha inglesa:

Em 1813 durante as guerras Napoleônicas:

713 navios. 4920 oficiais e 140.000 praças

Em 1820, após feita a paz:

134 navios no mar. 600 oficiais e 5.600 praças.

## 3 – Bloqueio da Bahia em 1823.

Tomaram parte efetiva: *Pedro I* e *Maria da Glória* e logo após *Niterói*, *Real Carolina* e *Bahia* (brigue)

4 – O cruzeiro épico de Taylor na *Niterói*

Em sua perseguição ao comboio português durou seis meses (ida e volta), durante o qual assaltou e tomou 18 navios inimigos.